



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

***“É um pessoal lá de Bragança...”:***

**Um estudo antropológico acerca de identidades de migrantes em  
uma festa para São Benedito em Ananindeua/PA.**

**Sônia Cristina de Albuquerque Vieira**



**Belém**  
**Maio/2008**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**Sônia Cristina de Albuquerque Vieira**

***“É um pessoal lá de Bragança...”*: Um estudo antropológico  
acerca de identidades de migrantes em uma festa para São Benedito  
em Ananindeua/PA.**

Dissertação apresentada para obtenção  
do grau de mestre em Ciências Sociais  
do Programa de Pós-Graduação da  
Universidade Federal do Pará, área de  
concentração em Antropologia.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Angelica  
Motta-Maués

Co-orientador: Prof. Dr. Raymundo  
Heraldo Maués

**Belém**

**2008**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
(Biblioteca de Pós-Graduação do CFCH-UFPA, Belém-PA - Brasil)

---

Vieira, Sônia Cristina de Albuquerque.  
“*É um pessoal lá de Bragança...*”: Um estudo antropológico acerca de  
identidades de migrantes em uma festa para São Benedito em  
Ananindeua/PA; orientadora Maria Angélica Motta-Maués. - 2008

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências  
Sociais, Belém, 2008.

1. Festa de São Benedito - Belém (PA). 2. Ananindeua - Belém (PA) .  
3. Identidade. I. Título.

CDD - ed.

---

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

SÔNIA CRISTINA DE ALBUQUERQUE VIEIRA

*“É UM PESSOAL LÁ DE BRAGANÇA...”*: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO  
ACERCA DE IDENTIDADES DE MIGRANTES EM UMA FESTA PARA SÃO  
BENEDITO EM ANANINDEUA/PA.

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de mestre em Ciências Sociais - Área de

Concentração em Antropologia

Data da apresentação: 16.5.2008

Conceito:

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Angélica Motta-Maués - orientadora  
Universidade Federal do Pará

---

Prof. Dr. Raymundo Heraldo Maués- Co-orientador  
Universidade Federal do Pará

---

Profa. Dra. Lourdes de Fátima Gonçalves Furtado - membro  
Museu Paraense Emílio Goeldi - Universidade Federal do Pará

---

Prof. Dr. Aldrin de Moura Fiqueredo – membro  
Universidade Federal do Pará

**Aos bragantinos que realizam a festa de São  
Benedito em Ananindeua.**

## AGRADECIMENTOS

Uma pesquisa por mais modesta que seja conta com o apoio de muitos. Primeiramente como agradecimento especial a minha querida orientadora Maria Angélica Motta-Maués minha grande incentivadora cuja convivência nesse tempo foi, para mim, de uma riqueza extraordinária. Suas orientações me fizeram entre outras coisas descobrir o fascínio do trabalho antropológico.

Ao meu co-orientador Raymundo Heraldo Maués, que contribuiu sempre de maneira muito gentil e eficiente, com críticas relevantes durante a realização do trabalho.

A professora Lourdes Furtado, por sua leitura cuidadosa que com sensibilidade e competência contribuiu em meu projeto de qualificação que me fizeram refletir sobre o meu campo e meu objeto de estudo.

Ao professor Aldrin de Figueiredo, pelo entusiasmo, compromisso que me apontou caminhos para este trabalho.

Ao professor Dedival da Silva pela colaboração.

Aos professores do PPGCS do departamento de Antropologia

A minha família especialmente minha mãezinha, meu amor, Maria de Albuquerque Vieira pelas orações, por tudo enfim o que sou e posso ser, e minha tia materna, Amazonita Menezes, por seus doces maravilhosos sempre acompanhados de uma boa conversa.

A meu avô Sebastião ou vô Babá, que me deixou neste ano, um preto lindo, grande devoto de São Benedito, a quem devo minha garra, pois ele começou a aprender ler já aos 70 anos de idade e soletrava as palavras como o menino que era e sempre será em meu coração. Saudades!

A minha prima e meus irmãos, Flávia Patrícia, Charles Eduardo e Peter Andresson, pelas palavras amigas.

Ao Luiz Sabaa Srur Moraes, por sua compreensão, carinho, suas orações, pelas opiniões e seu senso crítico, que me apontaram caminhos ainda não percebidos, pela continua ajuda afetiva, material e intelectual para a possível realização deste trabalho.

Aos meus colegas da turma de mestrado 2006 e especialmente a amiga de turma Michelly Martins que esteve sempre presente me incentivando nos momentos mais difíceis.

A minhas duas amigas desde quando éramos criancinhas, por suas palavras sempre carinhosas, Ana Kamila Lima Souza e Rejane Assunção.

Aos meus queridos amigos do curso de graduação em Ciências da Religião (Turma CRN - 2001) de quando “éramos jovens” (risos) John Araújo, Fernando Xavier, Gleidson Salheb, Márcio Bruno Valente, Joselina Alves, Aline Mota e Leonardo Gonçalves.

Ao Daniel Nelson Barbosa, por me ensinar a encarar os problemas da minha vida sempre de uma maneira mais leve, me tornei um ser humano melhor depois que o conheci.

Ao Alex Owiti Oselu, quem gosto admiro e respeito, pela ajuda na tradução do resumo desta dissertação para o inglês.

A meu querido professor do Curso de Ciências da Religião, Antônio Paraense da Paixão, que contribuiu muito para minha formação.

A professora Regina Alves, pelo apoio a este trabalho.

A meus alunos queridos, onde pude muitas vezes comentar sobre este trabalho e que me deram sugestões valiosas, mais ainda por tratar-se de crianças na maioria. Infelizmente tivemos que nos separar.

Finalmente, a todos meus interlocutores que colaboraram para realização deste trabalho, ao *Careca* e sua família em Ananindeua, Lindalva, Taty, Edinho, Marinho, Silene, Dona Maria José, Merca, Marcela, Marcelo e seus filhinhos e a o João.

A Dona Amélia e sua família de Ana Luiza, Pedro, Keleimem, Keila, Sâmia e outros.

E ao Careca de Bragança sua esposa e filhas.

A Iracema Oliveira e suas irmãs e seu irmão Lori.

E a todos em Ananindeua e em minhas viagens para Bragança e a todos em geral que colaboraram para realização deste trabalho sou imensamente grata.

*"O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete".*  
(Clifford Geertz, 1985:143)



## SUMÁRIO

### CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

#### O CAMPO, O SANTO E AS FESTAS

<i>O Campo: meu “Encontro” com a ‘festa’ ou onde tudo começou.....</i>	<i>15</i>
<i>No campo: uma aprendiz de antropóloga e/ ou “repórter”?.....</i>	<i>26</i>
<i>O Santo: São Benedito: “Glorioso”, “Cozinheiro”, “Vingativo”, “Pretinho”.....</i>	<i>29</i>
<i>As (outras) festas: São Benedito e seus festejos</i>	
<i>Festa do Glorioso São Benedito da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do bairro da Campina.....</i>	<i>33</i>
<i>Festa de “São Benedito das Rosas.....</i>	<i>35</i>
<i>Festa de São Benedito no bairro do Jurunas.....</i>	<i>37</i>
<i>Festa de São Benedito em Bragança.....</i>	<i>39</i>

### CAPÍTULO II

#### FESTA DE SÃO BENEDITO EM ANANINDEUA

<i>Morar em Ananindeua .....</i>	<i>45</i>
<i>A Festa de São Benedito dos “bragantinos” em Ananindeua.....</i>	<i>50</i>
<i>O Careca, presidente da Irmandade de São Benedito de Ananindeua.....</i>	<i>55</i>
<i>História de vida Dona Maria José .....</i>	<i>55</i>
<i>Lá é feriado, mas, aqui não .....</i>	<i>57</i>
<i>Festa de São Benedito em Ananindeua 2007 .....</i>	<i>61</i>
<i>Festa de São Benedito em Ananindeua 2008 .....</i>	<i>64</i>

### **CAPÍTULO III**

#### **CELEBRANDO A “BRAGANTINIDADE”**

<i>Construção de identidade (s) ou ser bragantino em Ananindeua.....</i>	<i>69</i>
<i>Festa (religiosa) como identidade.....</i>	<i>72</i>
<i>Elementos para construção da “Bragantinidade”.....</i>	<i>77</i>
<i>Parentes entre si e devotos do santo: dádiva e parentesco.....</i>	<i>79</i>
<i>Tudo isso leva à “bragantinidade”.....</i>	<i>87</i>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>
-------------------------	-----------

#### **ANEXOS**

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1-	47
QUADRO 2-	73/74
QUADRO 3-	80/81

## **LISTA DE FOTOGRAFIAS**

FOTO 1-	16
FOTO 2-	21
FOTO 3-	34
FOTO 4-	35
FOTO 5-	51
FOTO 6-	53
FOTO 7-	59
FOTO 8-	60
FOTO 9-	62
FOTO 10-	63

FOTO 11-	64
FOTO 12-	65
FOTO 13-	66
FOTO 14-	66
FOTO 15-	67
FOTO 16-	67
FOTO 17-	67
FOTO 18-	67

## **LISTA DE SIGLA**

ASUEPA-Associação dos servidores da Universidade Estadual do Pará

CEDAR-Centro Educacional Dom Alberto Ramos

IGSBB-Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança

IGSBA-Irmandade do Glorioso São Benedito de Ananindeua

## RESUMO

VIEIRA, Sônia Cristina de Albuquerque. *“É um pessoal lá de Bragança...”*: Um estudo antropológico acerca de identidades em uma festa de migrantes para São Benedito em Ananindeua/PA. Belém, 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará. Belém, 2008.

Este é um estudo que aborda uma festa em homenagem a São Benedito em Ananindeua/PA, um ritual realizado por migrantes oriundos da cidade de Bragança, interior deste mesmo estado, onde acontece uma tradicional festa para São Benedito há mais de 200 anos. E durante 23 anos este grupo de migrantes reproduzem esta festa em Ananindeua, cidade pertencente à região metropolitana da capital do estado, Belém, aos moldes da que é realizada em Bragança, celebrando o que será interpretado como “bragantividade”, ou seja, elementos simbólicos eleitos para representar o pertencimento aos nascidos na cidade de Bragança com determinadas formas de fazê-lo, traduzidas nesta ‘condição’ de bragantinos. Será assim, em torno da festa, que serão acionados os elementos que marcam esta celebrada identidade.

**Palavras - Chaves:** São Benedito, festa, identidade, Bragantividade.

## **ABSTRACT**

VIEIRA, Sônia Cristina de Albuquerque. **“They’re people from Bragança”: An anthropological study about identity in a feast conducted by the immigrants in honor of Saint Benedict in Ananindeua-PA, Brazil.** Belém 2008. Dissertation (master in anthropology), Post graduate program in Social Sciences, Center of Philosophy and Social Sciences, Federal University of Pará.

This is a study that focuses on a feast in honor of Saint Benedict in Ananindeua- PA, a ritual conducted by the immigrants of the city of Bragança in the rural part of the same state, where the traditional Saint Benedict feast takes place since 200 years ago: During the and during the last 23 years, these immigrants have been extending this feast to Ananindeua city which belongs to the metropolitan region of the state’s capital, Belém. This happens in a replica of what takes place at the Bragança feast , celebrating what would be interpreted as “bragantinidade” or the symbolic elements selected to represent the belongings of the natives of Bragança city, with particular manner of making them, expressed in this “condition” of Bragantin. It is expected to go around the feast, which involves the elements that mark this celebrated identity.

Key words: Saint Benedict, Feast, Identity, Bragantinidade.

## **CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO**

### **O CAMPO, O SANTO E AS FESTAS**

#### ***O campo: meu “encontro” com a ‘festa’ ou onde tudo começou***

Meu São Benedito,  
Sua manga cheira,  
A cravos e rosas,  
Flor de laranjeira!<sup>1</sup>

Num dia de domingo do ano de 2005, ao caminhar por uma rua do Conjunto Habitacional Cidade Nova VI, ouço ao longe uma música e percebo que o som vinha de uma quadra de esportes coberta anexa a uma igreja católica. Decido entrar: é quando vejo mulheres de variadas idades, desde crianças pequenas até senhoras idosas, vestidas de longas saias vermelhas e batas de tecido branco enfeitadas com renda, chapéus de palha cobertos no bojo com penas brancas, altos, cheios de brilhos, com abas estreitas terminando com longas fitas de cetim coloridas, circundando a parte posterior, e homens com camisas e calças compridas brancas, com chapéu de palha branco com uma flor artificial vermelha presa graças a uma fita vermelha. Todos dançando descalços. De repente, um desses senhores interrompe a música (e conseqüentemente a dança) para anunciar, através do sistema de sonorização, que o almoço estava prestes a ser servido. Começa uma movimentação de pessoas posicionando mesas de madeira gigantescas e enchendo-as de pratos cheios de comida, previamente servidos. Depois de alguns minutos, tanto os que estavam vestidos com as roupas que descrevi acima, como os

---

<sup>1</sup> Hino religioso de domínio público cantado em Bragança (PA) durante festejos. É tão popular que o mesmo chega a ser impresso em ventarolas de papel distribuídas gratuitamente a participantes (vide anexo).

outros que chegavam ali como eu eram convidados a se aproximarem das mesas, escolhendo um prato para almoçar.



**FOTO 01- (VIEIRA, 2006) “Marujas e Marujos” dançando a Marujada na festa de São Benedito em Ananindeua .**

Foi somente até este momento que participei na ocasião. Refletindo melhor, pensei: “essa dança é igual àquela de Bragança”, isto é, à “Marujada de Bragança”, dança com ritmos e instrumentos musicais próprios, que pontifica nos festejos religiosos anuais de São Benedito, celebrados há mais de duzentos anos naquela cidade do nordeste paraense<sup>2</sup>. Na verdade, tratava-se, mesmo, de bragantinos fazendo uma festa em homenagem a São Benedito, ali em Ananindeua. Por outro lado, naquele momento, sigo pensando que se trata de uma manifestação religiosa da igreja local, uma vez que a festa estava acontecendo num espaço ao lado da Igreja de Santa Paula Frassinetti<sup>3</sup>, localizada no Conjunto Cidade Nova

---

<sup>2</sup> Até aquele momento eu nunca havia participado de nenhuma festa religiosa em Bragança, cidade que só iria conhecer meses depois, durante a pesquisa de campo desta dissertação. Porém já havia visto aquele tipo de dança em apresentações de grupos folclóricos e para-folclóricos em diversas ocasiões, sempre em Belém.

<sup>3</sup> A escolha do nome da igreja é uma homenagem à freira italiana Paula Frassinetti (1809-1882), canonizada em 1984, fundadora da Congregação Santa Dorotéia. Trata-se, inclusive, de uma das primeiras igrejas dedicadas a esta santa em todo o mundo. Em Belém, esta Congregação administra um centenário e tradicional



VI, rua WE 72. O templo está construído entre uma Unidade de Saúde Pública de Urgência e Emergência e uma escola privada de Ensino Fundamental, o Centro Educacional Dom Alberto Ramos (CEDAR). A igreja é considerada um centro de referência para os moradores. Exemplo disso é que várias linhas de ônibus possuem paradas em frente à igreja<sup>4</sup> e que a unidade de saúde costuma ser chamada de “pronto-socorro da Santa Paula Francinête”.

Apesar de ser eu moradora de uma das “Cidades Novas” há mais de 10 anos<sup>5</sup>, percebo que não foi esta proximidade espacial que me colocou em contato com a festa, pois eu não estava andando aleatoriamente pela Cidade Nova VI naquele dia, mas, motivada por uma nota que havia lido, dias antes no jornal impresso Diário do Pará, editado em Belém; ou seja, um veículo de comunicação que estava disponível a qualquer pessoa que tenha condições de comprá-lo, morador do bairro ou não, próximo ou distante. Assim sendo, foi somente a partir do momento que elegi este tema como objeto de pesquisa que essa aproximação/familiaridade foi se construindo e se complexificou, pois comecei a perceber que o grupo que eu estava me propondo a estudar era, na verdade, num certo sentido, algo muito próximo. Tratando-se de sendo alguém que estuda em sua própria cidade, e mais, em seu próprio bairro, como era /é o meu caso. Sobre isso, Gilberto Velho nos diz remetendo - nos a seu referencial artigo:

"(...) Ora, o ponto que enfatizei em ‘Observando o familiar’ é que dentro de nossa própria sociedade existe, constantemente, esta experiência de estranhamento. Vivemos experiências restritas e particulares que tangenciam, podem eventualmente se cruzar e constantemente correm paralelas a outras tão plenas de significado quanto as nossas. A possibilidade de partilharmos patrimônios culturais com os membros de nossa sociedade não deve nos iludir a respeito das inúmeras discontinuidades e diferenças providas de trajetórias, experiências e vivências específicas”. (VELHO, 1980:16)

---

estabelecimento de ensino, antigamente apenas feminino, hoje misto, o Colégio Santo Antônio. Na Cidade Nova VI, os moradores não pronunciam o sobrenome da fundadora como se escreve, mas o substituem por *Francinête* (com o segundo “e” aberto), denominação que, contemporaneamente, vem sendo utilizado como nome próprio feminino, principalmente nas camadas populares. Desta forma, conclui-se que eles desconhecem o sobrenome da própria “padroeira”, sendo que eu interpreto este dado como um sinal da pouca popularidade desta “nova santa” ou falta de identificação com a mesma.

<sup>4</sup> Cidade Nova VI – Presidente Vargas, Guajará – Ver-o-peso, Guajará – São Brás, Paar – São Brás, Paar – Ver-o-peso, Curuçambá–UFPA, Cidade Nova VI – UFPA, Conjunto Amapá/Roraima, Distrito Industrial – Entroncamento, Icoaraci – Cidade Nova.

<sup>5</sup> Moro na Cidade Nova V, em um setor que fica relativamente longe da Cidade Nova VI. Esta distância pode ser exemplificada pelo fato das residências da minha rua fazerem parte de outra paróquia, a de Santa Rita de Cássia, diferentemente das da Cidade Nova VI, que pertencem a já referida Santa Paula Frassinetti.

Porém, acredito que o estranhamento inicial decorrente de meu desconhecimento de um próximo/distante foi benéfico para meu (possível) entendimento e minha análise posterior da festa; sinal disso é que, inclusive, alguns de seus integrantes eu reconheci depois, como “velhos” conhecidos de meus cotidianos deslocamentos no/através do bairro. Como um dos "marujos" que é, vi depois, um rapaz que trabalha como cobrador no ônibus que utilizo continuamente para esses meus deslocamentos, ou quando, ao ir ao supermercado, encontro também "marujas" fazendo como eu, suas compras. Assim, acredito que pude fazer o percurso inverso àquele referido por Velho em sua discussão: "estranhar" e, após isso, me dar conta da experiência do familiar sem esquecer (como não é possível fazê-lo, antropológicamente falando) o processo mais amplo que tal "exercício" envolve:

"(...) O ponto básico é que a distância assim como a proximidade e familiaridade são noções que devem ser relativizadas e colocadas no contexto adequado de discussão. Familiaridade e proximidade física não são sinônimos de conhecimento, assim como viajar milhares de quilômetros não nos torna livres de nossa socialização com seus estereótipos e preconceitos. Estes atuarão em outros contextos diante de novos objetos. Ou seja, ir para outra sociedade e cultura não nos transforma em tábulas rasas" (VELHO, 1980: 16)

Ao voltar ao local onde a festa aconteceu, após um ano decorrido, no meu primeiro contato com a Paróquia de Santa Paula Frassinetti, pergunto a secretária sobre a festa que tanto havia me impressionado no ano anterior e a qual, pelos meus cálculos, estava próxima, prestes a acontecer novamente. À minha pergunta, a funcionária da paróquia responde, surpreendentemente para mim: "não houve e não vai haver nenhuma festa da Paróquia em homenagem a esse santo!".

Diante de tão pronta e contrária resposta, argumento com ela dizendo-lhe que eu havia participado no ano que passou de uma festa que imaginei ser da Paróquia. Enquanto estou explicando para a secretária, um homem<sup>6</sup>, interrompe: “Ah, minha filha, eu me lembro dessa festa. Não tem nada a ver com a igreja, não. *É um pessoal lá de Bragança* que faz. Acontece ali (apontando para a quadra coberta). E o que acontece lá, até Deus duvida!”. Fala esta que posteriormente pude apreender melhor, assim como a prontidão da resposta e a falta de informação da funcionária da igreja.

---

<sup>6</sup> Talvez como jardineiro e zelador da igreja.

Continuando com o percurso que me trouxe até aqui, no mês de janeiro de 2006, já havendo feito um pré-projeto baseado em minhas primeiras impressões da festa a que venho-me referindo e em leituras que pudessem subsidiar uma primeira reflexão, fiz a seleção para o Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, na área de concentração em Antropologia. Sem saber, no entanto, se havia sido aprovada, decidi iniciar minha pesquisa (“desorientada”) de campo. Assim, no primeiro domingo de janeiro do mesmo ano que citei acima, dirigi-me à igreja localizada no conjunto Cidade Nova VI, à mesma paróquia de Santa Paula Frassinetti. Em frente a esta, uma semana após aquela minha primeira visita, havia uma faixa anunciando a (também mesma) festa, informando que ela iniciaria com uma missa pela manhã e logo em seguida a apresentação da “Marujada”, encerrando-se com uma procissão pelas ruas da Cidade Nova. Na faixa havia também escrito “Apoio: Padre Oliveira”. O mesmo que soube, depois, se tratar do antigo pároco, que havia sido “expulso” porque estaria sendo acusado de ter “passado para seu nome” o Colégio CEDAR, pertencente à Igreja, e a quadra coberta, a qual também era alugada para eventos, como aquela festa promovida pelos bragantinos moradores de Ananindeua, que eu vira pela primeira vez em janeiro de 2005.

Prosseguindo com minhas primeiras incursões, no dia 8 de janeiro, às 8 horas da manhã, dirigi-me a “missa em homenagem ao Glorioso São Benedito”, como havia sido anunciada na faixa afixada em frente à grade da Igreja. Qual não foi meu espanto! Havia outro padre, o padre Wagner, novo pároco, que veio do Rio de Janeiro substituir padre Oliveira, que havia presidido a paróquia por 7 anos<sup>7</sup>.

No local havia a presença de muitas “marujas e marujos”; no momento em que entrei na igreja, percebi um clima desconfortável entre eles. Todos estavam com uma expressão aparentemente preocupada; não precisava fazer muito esforço para perceber que alguma coisa estava acontecendo, além da missa. Comecei a entender quando vi que o padre não fez nenhuma menção ao santo no início da celebração, o que é costume nesse tipo de ritual, isto é, revelar as “intenções da missa”. Ao contrário, o pároco fez questão de enfatizar “os milagres de Santa Paula Frassinetti”. dedicando-lhe a homilia, permitindo

---

<sup>7</sup> Depois soube que apesar do “apoio” na faixa, durante todos os anos que Oliveira (como é referido o padre pelos moradores da Cidade Nova) foi pároco paróquia de Santa Paula Frassinette” nunca pisou os pés” na festa, o que fez com que os bragantinos tivessem esperanças que o novo padre “abençoasse a festa”, sua a realização.

(convidando para) que os devotos da "santa" (emocionados), subissem ao altar, ao fim da celebração, para contar sobre graças alcançadas por intermédio de Santa Paula<sup>8</sup>. Terminada a missa, houve uma espécie de desentendimento entre os "marujos" presentes e o padre; foi quando um deles<sup>9</sup> encerra o tumulto e tranqüilamente, perante todos, convida o padre para “almoçar e abençoar a festa”, ao que o padre responde que teria um compromisso e, por isso, não aceitaria o convite. Após a recusa do pároco, o grupo começa a retirar-se a caminho do local onde iria se realizar, em alguns instantes, a festa. Todos saem da igreja, um grupo conversava sobre "o caso de Bragança"<sup>10</sup>. Uma "maruja" dizia na ocasião; “os padres de Bragança também tomaram a festa da mão da Irmandade. Eles são todos gananciosos” .E prosseguem todos até a chegada ao local onde estava ocorrendo a festa que fica ao lado da igreja. Este se encontrava todo decorado com flores artificiais de plástico e balões nas cores vermelho e branco, cores atribuídas como do santo de devoção dos bragantinos.

Às 10 horas da manhã inicia-se a festa. Um senhor, a quem chamavam *Careca*, pede “um minuto de silêncio em homenagem ao Glorioso São Benedito!” e apresenta a imagem do "pretinho" que é como Careca se refere “carinhosamente” ao santo. Todos aplaudem.

---

<sup>8</sup> Neste momento se percebe uma questão de disputa e intervenção da santa desconhecida introduzida e o santo popular neste caso pode-se pensar em conseqüências da dia romanização. Ver. (Maués 1987)

<sup>9</sup> Depois soube que se tratava de Raimundo do Socorro Silva, conhecido apenas como *Careca*, e atual presidente da Irmandade de São Benedito em Ananindeua. Vou me referir a ele sempre em itálico neste trabalho.

<sup>10</sup> Eles estão se referindo a disputa judicial entre a Irmandade de São Benedito de Bragança e a diocese de Bragança. Pelo controle da festa de São Benedito. Para maiores informações ver Silva (1997) e Nonato da Silva (2006).



**FOTO 02-** (VIEIRA, 2006) Momento em que *Careca* (à direita) dá início.  
a festa e apresenta a imagem de São Benedito aos presentes.

No local havia venda de bebidas: cervejas, refrigerantes e também de doces: pudins e bolos, tortas, brigadeiro, ao que *Careca*, ao microfone, fala: "a comida é de graça, mas os doces e a bebida só pagando".<sup>11</sup> Enquanto isso se toca a "ladainha de São Benedito"<sup>12</sup>; no meio do salão, um grupo de "marujos e marujas" formam uma grande roda e dançam, defronte de onde está posicionado o andor com a imagem do "santo", enfeitado com fitas e flores. Do lado direito da imagem encontravam-se os Juizes da Festa<sup>13</sup> daquele ano, Dona Raimunda e Seu Astrogildo, ambos com um bastão feito de flores nas mãos, a juíza com flores vermelhas e o juiz com flores azuis. No centro e um pouco abaixo do andor onde estava o "santo" havia um cofre com a inscrição "doação"; as pessoas que se aproximavam eram logo orientadas pela juíza: "o pedido a gente faz assim: dá um nó na fita de São Benedito e põe o dinheiro no cofre".

Começa o almoço<sup>14</sup>, que será servido em grandes mesas de madeira posicionadas ao centro do local, formando um grande quadrado. *Careca* anuncia que todos que estiverem ali serão servidos com "um prato de comida boa"<sup>15</sup> e muitas pessoas que, passando pelo local, entram no recinto da festa são logo servidas, tendo sido distribuídos, segundo *Careca*, 2 mil pratos de comida, naquele ano. Aliás, este ponto da festa é um dos que mais chama atenção, e, de saída, vem a pergunta: como um grupo pequeno é capaz de distribuir aquela quantidade de comida, para tanta gente?

---

<sup>11</sup> Nas festas para São Benedito um fato recorrente parece ser a distribuição de comida para os presentes. É o que eu pude perceber, além da festa que é meu "objeto" de pesquisa em outras três ocasiões: na festa no bairro do Jurunas, na que acontece na cidade de Bragança e também no término de uma celebração feita pela Irmandade de São Benedito de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em Salvador /BA.

<sup>12</sup> Em Ananindeua se toca sempre a *Ladainha de São Benedito* é reproduzida normalmente através de um cd em um aparelho de som, inclusive durante o almoço, diferentemente de Bragança, que se toca ao vivo e durante o almoço, segundo Nonato da Silva (2006) toca-se o *Bendito*, uma reza em louvor a Deus e a São Benedito, pela alegria e fartura da refeição ou em qualquer outro ritual. É o canto "Benedictus", em latim, tirado da tradição católica. É cantado nos "lanches" dos dias de alvorada em Bragança e oferecido nos dias 18 de dezembro nos almoços de 25 e 26 de dezembro, além do dia 1 de janeiro pela manhã aos juizes subseqüentes. Em Ananindeua é reproduzida normalmente através de um cd em um aparelho de som.

<sup>13</sup> A categoria nativa, Juiz, se refere aos eleitos pelos organizadores da festa para assumirem sempre no dia da festa do ano vindouro a responsabilidade de como tal, arrecadar fundos para oferecerem o almoço aos participantes. Há diferenciações em Bragança, o almoço do santo é somente servido para os "marujos e marujas", já em Ananindeua ele é ofertado a todos que desejarem.

<sup>14</sup> A questão do almoço, da comida, talvez ou certamente tenha relação com o fato de que ofício do santo de devoção tenha sido o de cozinheiro, inclusive pude observar que esta profissão é exaltada em varias ocasiões em celebrações em homenagem a São Benedito.

<sup>15</sup> Um prato de "comida boa" servido em pratos de louça com talheres de metal " nada descartável" *Careca* faz questão que seja assim, "apesar de sujar muita louça", o que ainda faz parte da festa, pois há pessoas que pagam promessas lavando nesse dia a louça no dia da festa: mulheres, cuja maioria trabalha como empregada doméstica em Belém.

Terminado o almoço, faz-se um intervalo de aproximadamente duas horas e em seguida dá-se início à procissão que percorrerá aproximadamente um quarteirão que compreende a quadra coberta e terminando em frente à Igreja, com cânticos religiosos católicos e a ladainha de São Benedito, que é reproduzida em um carro som. Os bragantinos<sup>16</sup> caminham vestidos de "marujos" e "marujas", alguns homens carregando o andor com a imagem do santo. Durante a procissão são feitas orações e acontece que um pequeno grupo de transeuntes que gritam para procissão: "seu bando de macumbeiros!"<sup>17</sup> Ao que Dona Amélia<sup>18</sup> e *Careca* prosseguem contando a história do santo enfatizando três ênfases: a cor do santo, a profissão do santo e o "milagre das rosas", até o ponto em que a procissão rodeia a rua que passa atrás da igreja e ao chegar em frente a paróquia, para espanto dos presentes, esta encontrava-se de portas cerradas! Após o fato apresentado acima, aconteceu o momento mais dramático da festa em que todos estão visivelmente emocionados. É quando *Careca* toma o microfone e reage "Os padres também pecam... vamos pedir a São Benedito que perdoe esse padre Wagner!". E dá prosseguimento à procissão, com duas chamadas gerais: "Viva o Glorioso São Benedito! Viva o povo bragantino de Ananindeua!". Então, retornam ao local inicial, onde em seguida, acontece o leilão<sup>19</sup> e se finaliza a celebração festiva do santo com a entrega simbólica do bastão dos juizes da festa de 2006 para os sucessores da próxima festa de 2007. Neste momento, *Careca* convida todos para o "balanço" da festa, que é aquele momento em que ele irá prestar contas do dinheiro arrecadado no leilão e na venda de doces e bebidas. Tal balanço acontece no domingo seguinte à realização da festa, na própria casa de *Careca*, onde ele oferece um almoço, agora servido somente para os organizadores da festa.

Esta festa, minimamente apresentada acima, foi apenas a primeira, na qual tive ocasião de assistir a todo o ritual, diferentemente de 2005. Mas o momento de aproximação com o grupo veio, mesmo, depois ela, no decorrer dos anos de 2006, 2007. Neste último ano, pude acompanhar não só a festa, mas todas as etapas que a precedem;

---

<sup>16</sup> Tanto os que moram em Ananindeua como os que moram em Bragança e viajam todos os anos especialmente para dançarem na festa, terminada a mesma retornam a cidade natal.

<sup>17</sup> Ver estigma em Goffman 1987.

<sup>18</sup> Fundadora da Festa de São Benedito de Ananindeua que depois "passou para Careca.

<sup>19</sup> O leilão que em Bragança é (conhecido como o leilão da pitomba, uma frutinha da região) consiste na venda de produtos, como frutas principalmente a pitomba, doces e animais como: cavalos, cabras, gado, porcos, galinhas e patos, doados, um elemento que coincide com a festa de Bragança como aliás toda a estrutura do ritual possui como parâmetro a outra festa. Evidentemente com arranjos e adaptações, pois "não se está em Bragança" esta-se em uma cidade próxima a capital, em um espaço urbano. .

neste ano também, pude viajar pela primeira vez, para a cidade de Bragança, para a festa que eu ainda não conhecia, e que por sinal, (posso dizer), foi determinante para o meu olhar e o enfoque na questão da construção de identidade que pretendo desenvolver na dissertação. Pois, a minha questão e inquietações bem podem lembrar Geertz, quando ele indaga sobre seus nativos: O que eles pensam que estão fazendo? E a primeira resposta para esta pergunta, no meu caso de estudo, foi: Eles estão pensando Bragança em Ananindeua!

Neste ponto julgo ser importante informar ao leitor como a pesquisa que serve de base para este trabalho foi feita. Além de a indispensável pesquisa bibliográfica no desenrolar de todo o estudo desenvolvi, que na verdade, como se sabe, acompanhou/acompanha a pesquisa de campo, trata-se de meu acompanhamento com envolvimento direto, das diversas situações, de todas as etapas que dizem respeito preparação e realização da festa de São Benedito em exame, como bingos, piqueniques, reuniões, viagens, ou seja, eventos no decorrer do ano com objetivo de arrecadar fundos para a festa. Realizei observação direta, entrevistas e/ou conversas informais com os organizadores, participantes da festa em Ananindeua, bem como com bragantinos que moram em Bragança e viajam para Ananindeua para tal evento. Estive em campo para ver /pesquisar a festa e seus desdobramentos e implicações nos diversos momentos, durante a realização da festa e/ou nos momentos que precediam e sucediam a mesma tais como: a Festa de São Benedito em Ananindeua, no mês de janeiro de 2005; visita à Igreja de Santa Paula Frassinetti, no mês de dezembro em 2005; Festa de São Benedito em Ananindeua em 2006, no mês de janeiro; “balanço” da festa de 2006, no mês de janeiro de 2006; “Passeio” (piquenique) do grupo para a praia do Caripi, em Barcarena em 2006, no mês de abril; Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Bragança, no mês de novembro em 2006; Festa de São Benedito em Bragança, no mês de dezembro em 2006; Festa de São Benedito em Ananindeua, no mês de janeiro de 2007; “balanço” da Festa, no mês de janeiro de 2007; viagem para a festa de São Benedito em Bragança, dezembro 2007, Festa de São Benedito em Ananindeua, janeiro de 2008; bem como acompanhei a participação da Marujada composta por marujos(a) de Ananindeua na festa de São Benedito, na cidade de Belém, no bairro do Jurunas como também aceitei convites posteriores a estas datas festa feitas por *Careca*, através de telefonemas, como, o aniversário de sua mãe, seu próprio aniversário e em outros eventos.



Ao longo do ano, todos os juizes e organizadores da festa daquele ano promovem diversos “passeios” que são eventos organizados conjuntamente pelo presidente da Irmandade de São Benedito em Ananindeua que servem para arrecadar dinheiro para a realização da festa do santo (gastos com almoço, ornamentação, bebidas e o que mais for preciso). Nestes passeios é cobrada uma quantia aos participantes; por exemplo, o piquenique para a praia de Caripi, no município de Barcarena, no Domingo da Páscoa em 2006, para o qual foi cobrado vinte reais de cada pessoa. O presidente também possui uma “Caixinha de São Benedito”, depositando lá o que é arrecadado com a finalidade de emprestar dinheiro para os bragantinos em Ananindeua, cobrando juros para isso. Ao longo do ano acontecem também doações feitas para São Benedito cuja imagem fica posicionada na sala da casa de *Careca*, em um pequeno compartimento diferenciado, especialmente construído para acomodar a imagem e onde, permanentemente, se encontra um cofre recebendo doações. A casa de *Careca* parece, portanto, estar se transformando em um ponto de peregrinações dos devotos de São Benedito.

Assim, os eventos com a finalidade de “arrecadar fundos”, usando uma explicação nativa, seria (também) uma ocasião para expressar o que Weber chama de “comunidade emocional”. Ou seja, é necessário se promover eventos ao longo do ano a fim de se aglutinar esses migrantes que poderiam viver um estado de dispersão a esta condição, mas que, no entanto, a partir de um elemento simbólico de identificação comum, encontram razões para se congregarem em torno da festa e de tudo que dela se ramifica.

Já os “passeios” para o “Círio de Bragança<sup>20</sup>” aconteceram em novembro, bem como no Natal, permanecendo os devotos em Bragança até o final da festa de São Benedito. É bom dizer que o calendário da festa de Ananindeua está baseado no calendário da festa de São Benedito de Bragança, pois, até quando se está fazendo eventos para arrecadar fundos, os bragantinos que moram em Ananindeua e fazem a festa de São Benedito nesta cidade, promovem viagens a Bragança como no Círio de Nossa Senhora de Nazaré no mês de novembro além da festa de São Benedito no mês seguinte dezembro. Outro exemplo para entender o calendário da festa de Ananindeua é justamente a festa de Bragança. Esta última inicia os preparativos no mês de maio, porém os dias da festividade compreendem 18 a 26 de dezembro.

---

<sup>20</sup> O Círio em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré.

A festa de São Benedito de Ananindeua, que acontece em um único dia no primeiro domingo de janeiro que geralmente inicia os preparativos para a do próximo ano na semana seguinte à festa, ou melhor, no sábado seguinte no “balanço da festa” no mês de janeiro. Porém, é somente no mês de abril quando se organiza um “piquenique”<sup>21</sup> e como já falei, se cobra uma quantia de 20 reais para cada pessoa que deseja ir não sendo este evento fechado, pois “Qualquer um que pagar vai!”. Outro passeio será justamente no mês de novembro para Bragança e este quem organiza é *Careca* e seu Lori Irmão de uma figura importante nesse ciclo festivo: Iracema Oliveira<sup>22</sup>, que mora no bairro do Telegrafo em Belém. Ele participa da festa de São Benedito em Ananindeua que apesar de não serem bragantinos, o grupo de Iracema Oliveira tem como um “número” em suas apresentações, a marujada. Trata-se do grupo para-folclóricos “Frutos do Pará”, em Belém o qual viaja também para outros estados do Brasil.

Nessas ocasiões, quando se volta à Bragança, acontecem visitas a parentes, reencontros, trocas de alimentos, objetos, doações de ambas as partes. No retorno à Ananindeua costuma-se trazer: farinha de mandioca, frutas, caranguejo, patos, galinhas e... “parentes”. É nessas ocasiões que ocorre também um “abastecimento” simbólico, bem como a renovação dos laços dos que se foram da cidade de origem e dos que ficaram nela, como por exemplo, o apoio do *Careca*<sup>23</sup> de Bragança ao *Careca* de Ananindeua e a participação de “Marujos” e “Marujas” de Bragança na festa em Ananindeua e destes, por sua vez, na festa do Jurunas.

### ***No campo: uma aprendiz de antropóloga e/ou “repórter”?***

No grupo pesquisado, fui vista por pelas pessoas de diversas e diferentes maneiras, o que se deu desde meu primeiro contato pessoal com o presidente da Irmandade do Glorioso São Benedito, o senhor Raimundo do Socorro Souza, que se apresenta ele próprio

---

<sup>21</sup> Estes eventos corresponderiam o que é a esmolação do santo em Bragança.

<sup>22</sup> Trata-se da Radialista e folclorista Iracema Oliveira, (MORAIS, 2007) que é considerada por *Careca*: “minha professora”. Ela possui vários grupos “folclóricos e para-folclóricos” inclusive o grupo de dança “Frutos do Pará” que dança Marujada e se apresentou durante a festa de São Benedito em Ananindeua (em 2005, 2006, 2007 e 2008). Durante uma conversa de Iracema com *Careca* (que se considera folclorista, também) ela dizia: “Nós somos folcloristas, tanto que gente da universidade nos procura, nós não temos a teoria, mas a prática nos temos, temos os dons. Não é quem estuda que faz a cultura, somos nós”.

<sup>23</sup> Existem dois “Carecas”, pois é assim que tanto como é conhecido o presidente da festa em Ananindeua como também aquele com que é chamado o presidente da festa de Bragança, aliás, “suposto” irmão paterno do primeiro.

apenas como, *Careca*. Estava apenas observando, enquanto ele era abordado por representantes da imprensa local<sup>24</sup> e quando, finalmente, decido me apresentar com a intenção de lhe fazer algumas perguntas; ele me atende e, logo a seguir, perde totalmente o interesse ao saber que eu não era “repórter”, mas alguém interessada em fazer uma pesquisa. E deste momento até agora já se passaram 3 anos. E apesar do desinteresse inicial, ao conhecer minha identidade e interesse ali, *Careca* e os outros após algum tempo de convivência na pesquisa, passaram a me chamar e até hoje me chamam (apesar de minha inútil objeção a isso) de “a repórter!” - para *Careca*, “minha repórter”. E mesmo sabendo desde o início que meu interesse pela festa era outro, inclusive quando estou fotografando ou anotando algo ele faz questão de anunciar: “A repórter esta aí, registrando tudo”. Sobre esta minha identificação “compulsória” como “repórter” por meus interlocutores, esta pode ser pensada como, talvez, uma evidência do desconhecimento por parte das pessoas de fora, do ambiente acadêmico do trabalho do antropólogo. Pensando nas semelhanças e diferenças destes dois profissionais, existe, também, o fato de que o trabalho do jornalista iria atender as expectativas mais urgentes do grupo, ou seja, o retorno quase que instantâneo da notícia. Além disso, como semelhanças, os instrumentais de trabalho de jornalistas e antropólogos (bloco de notas, sempre em mãos, gravador, máquina fotográfica) e, também, a questão que simbolicamente era mais interessante ao grupo: ter “uma repórter” ao invés de “uma pesquisadora” ou antropóloga.

Em vários momentos da minha pesquisa me deparei com outra questão: a de estar sozinha varias vezes fora interpretada como, piedade, como na minha viagem no ano 2006 para Bragança, inclusive na noite de Natal, quando eles estavam reunidos com suas famílias e eu não. No momento eu estava tranqüila, sentada, quando *Careca* diz: “faltam 10 minutos para meia noite, vamos ler a Palavra de Deus, agora eu quero chamar para ler para nós a Sônia, a repórter!”. Eu vou e quando termino de ler o versículo da Bíblia, percebia que muitos me abraçam e, de repente, eles dizem “deve ser muito difícil, para ela, passar o

---

<sup>24</sup> A festa de São Benedito de Ananindeua é bastante divulgada pela mídia local imprensa escrita (vide anexo) o principal programa que percebi que os bragantinos preferem e dão uma importância superior aos outros é o programa de televisão “Barra Pesada”. Este é o nome de um programa da TV RBA, voltado para as classes populares, cujo conteúdo consiste, na sua maioria, em denúncias, investigações, reportagens policiais e sobre conflitos domésticos. Outro é o programa “Metendo Bronca” que se me na divulgação de festas de aparelhagens e *Careca* se utilizava também do fato de meu noivo Luiz Sabaa, que na época, trabalhava como repórter e produtor de TV e *Careca* a divulgação, nos dois referidos programas dizia: “É só pra reforçar” pois *Careca* vai as emissoras pessoalmente, todos os anos, entregar o convite de divulgação da festa. Bem como “fiscaliza” a participação da imprensa no evento.

Natal longe da família, aqui, sozinha!” Nesse momento sinto uma comoção e choro, não pelo fato de eu estar longe, mas pelo momento, talvez o de mais intimidade que tive no grupo.

Outros exemplos que chamam atenção para as injunções de gênero, ligam-se ao fato de eu estar sozinha e, como se fosse, “disponível” para os homens. Uma certa ocasião, em Bragança, fui abordada com brincadeiras de alguém querendo ser entrevistado, e até uma abordagem meio direta por um dos freqüentadores, no bar onde eu estava, certa vez, na praia do Caripi, quando homens se aproximavam de minha mesa e, inclusive um deles, quando souberam que eu “estava querendo saber sobre São Benedito”, se aproximou de mim com uma lata cerveja e disse: “então, você gosta de São Benedito. Posso sentar? eu sou preto como ele”.

Outra ocasião de minha participação foi na noite de Natal de 2006 em Bragança, *Careca*, como acontece sempre, faz uma distribuição de cestas básicas para seus parentes, moradores de Bragança. Uma parte é distribuída em colônias do interior do município antes de chegar ao centro da cidade, e outra parte é distribuída em frente à casa de *Careca*, na cidade de Bragança, onde ele coloca cadeiras para todos sentarem e uma caixa de som, na frente da casa, tornando assim, pública a distribuição. Ele vai chamando os nomes dos escolhidos, e, em um certo momento, ele me convida “agora quero que ‘minha repórter’ entregue esta cesta para minha tia”. Sou também convidada, nessa ocasião, em Bragança para sair com os adolescentes para uma festa de “aparelhagem<sup>25</sup>” à noite.

Nessa altura, minha acolhida, depois do desconforto inicial, fora (ou parece ter sido) total, com um sentimento, às vezes, até, de "sufocamento", pois *Careca* e sua família sempre me convidam, insistentemente, para aniversários e muitos outros frequentes eventos em família, como, certo dia, em que ao encontrar Lindalva (a mulher de *Careca*) na rua ela me diz: "vai almoçar lá em casa", além dos tantos convites para ir a festas, aniversários ou só para “aparecer” domingo chegou um momento em que *Careca* declarou: “Você já faz parte da nossa família!”. Eu não precisava mais procurar o grupo, pois eles próprios me ligavam (com a ajuda do infalível celular) para me convidar para os eventos que iriam acontecer.

---

<sup>25</sup> Ver na dissertação de Andrey Faro, “É festa das aparelhagens”, 2008.

***O Santo: São Benedito<sup>26</sup>: “Glorioso”, “Cozinheiro”, <sup>27</sup> “Vingativo”, “Pretinho”.***

Depois de escrever sobre meu primeiro (fortuito, mas nem tanto) encontro com a festa do santo e sua realização em Ananindeua, de meu contato com os devotos, do trabalho de campo, penso que está, mais que na hora de apresentar aquele que é o motivo principal para a festa, o "santo" que tanto os bragantinos e outros tantos devotos celebram. Apresento então, uma espécie de perfil ou história recorrente, invocada aqui a partir de um de seus tradutores e da literatura religiosa católica que secularmente a reproduz, considerando também as variações, introduções que, como em todo relato histórico-mítico, seus tradutores interpõem (nos “santinhos” entregues nas missas, na fala dos oficiantes dos rituais de igreja, nos relatos particulares dos próprios devotos, em casa):



“São Benedito foi um dos primeiros santos negros a ser efetivamente canonizado pela cúria romana, em 1763. Nasceu na Sicília, Itália, em 1526. Seus pais eram descendentes de escravos vindos da Etiópia, mais tarde libertos por seus senhores. Sua família era pobre e o Mouro, como era chamado, foi pastor de ovelhas e lavrador. Aos 21 anos foi chamado por um monge para viver entre os Irmãos Eremitas de São Francisco de Assis. Depois de 17 anos, transferir-se para o Convento dos Capuchinhos, onde foi designado para ser o cozinheiro do convento, permanecendo nesse serviço até quando foi eleito pelos seus irmãos de comunidade como superior do Mosteiro. Tendo concluído seu período como superior, retornou para a cozinha do convento. Sempre que podia, Benedito apanhava alguns alimentos de sua cozinha, metia-os nas dobras do burel<sup>28</sup> e, disfarçadamente, os levava aos necessitados. Conta-se que numa dessas ocasiões, o santo foi surpreendido pelo superior do convento, que perguntou:” Que levas aí, na dobra do teu manto, irmão Benedito?”. E o santo respondeu:” Rosas meu senhor!”. São Benedito desdobrou o burel franciscano e, em lugar dos alimentos suspeitados, apresentou aos olhos severos do superior uma braçada de rosas<sup>29</sup>.”(ODULFO 1941: 60-61)

<sup>26</sup> Datas comemorativas do santo 4 de Abril, 5 de outubro, 12 de agosto, 26 de dezembro e ainda no dia de aniversário do devoto, onde se comemora o santo.

<sup>27</sup> Segundo a lista de atribuições dadas ou especialidades aos santos Católicos, no que diz respeito a São Benedito a ele é geralmente atribuída a proteção ao negro, e para os cozinheiros seriam o caso de outro santo São Lourenço, comemorado no dia 10 de agosto, e para os doceiros seria outro Santo Honorato, Dia 16 de maio.

<sup>28</sup> Burel é um tecido de lã grosseira; Hábito de frade ou de freira.

<sup>29</sup> Este "milagre das rosas" é bem difundido nas festas em homenagem ao santo.

Em Bragança, ao perguntar para algumas pessoas que moram no interior e somente vão a cidade para pagar suas promessas, se tornando “marujas” durante a festividade, obtive a seguinte versão sobre a história de São Benedito e o milagre das rosas:

“Ah! São Benedito foi escravo, ele trabalhava de cozinheiro num palácio. Ele ajudava muita gente necessitada. E, uma vez, ele tava apanhando comida na roupa assim (ela faz um gesto dobrando e desdobrando a beira da camisa) e quando ele ia dá pro povo que tava esperando, o rei pegou ele. Aí ele ficou agoniado. E, aí, aconteceu um milagre! Foi que quando ele levantou a roupa caiu um montão de rosa, a comida tinha se transformado tudo em rosa”.(Dona Joana, 67 anos)<sup>30</sup>.

Outra versão envolve a questão racial e quem me relatou foi uma “maruja”, no dia do balanço da festa, na casa de *Careca*.

“Falam muito que São Benedito é um preto, então não faz milagre, mas eu acho que São Benedito é um milagroso, falam que São Benedito não é milagroso porque ele é preto, não têm poder. Tu achas que se ele não tivesse poder ele era um devoto de Deus? Então ele recebeu a graça de Deus que determinou que ele fosse um milagroso também. Tanto é que a primeira vez que ele fez um milagre foi na própria cozinha, porque ele era cozinheiro; uma vez ele saiu com o avental cheio de pão pra dá praquelas pessoas carente, mais carente do que ele, né? Então, quando ele vai saindo com aquele avental cheio de pão, o patrão dele chamou e perguntou: Benedito o que tu levas aí nesse avental, ele mentiu (risos), ele disse, “é flores” (sic). Então aquele pão se transformou num bocado de flor, pra ele ofertar pro povo. Então, por isso que eu não gosto que falem mal de São Benedito!” (Benedita, 63 anos)

É a partir do, tão conhecido, milagre das rosas em várias versões, que está ligada a questão do santo que tem como profissão a de cozinheiro e distribui comida aos pobres. Assim, não é por acaso que nas festas para São Benedito, um fato recorrente é a distribuição de comida para os presentes; é o que eu pude perceber em vários momentos, que foram, além da festa de Ananindeua, em outras três ocasiões: na festa no bairro do

---

<sup>30</sup> Neste texto é interessante perceber a popularização da história do santo diferente da versão oficial produzida pela Igreja Católica.

Jurunas, na que acontece na cidade de Bragança e também (neste caso em outro estado), término de uma celebração feita pela Irmandade de São Benedito, em Salvador/Ba, como também na casa Nagô, em São Luis/ MA<sup>31</sup>.

Duas representações de São Benedito são feitas: uma, de um homem negro, jovem, com hábito franciscano marrom, carregando uma criança branca ao colo. E, a outra, de um homem, negro, aparentemente mais velho, também com hábito franciscano, carregando em um dos braços uma braçada de rosas vermelhas.

Um fato interessante é que a imagem mais popular, no sentido de mais difundida entre os devotos do santo e pela própria Igreja Católica, é a que descrevi primeiro e que está ilustrada neste trabalho (p. 28). Onde, a criança branca apresentada nos braços do santo, (e/ou passou) e interpretada como se tratando do Menino Jesus, inclusive, informa. O que, uma cena que presenciei um padre, utilizando-se do fato de São Benedito estar carregando o Menino Jesus nos braços, para ensinar ao povo que a “adoração” deve ser feita para Jesus e não para o santo, que seria, segundo ele, apenas um mediador. No entanto, tive acesso a uma outra explicação sobre quem seria a criança branca que é representada nos braços de São Benedito. Encontrei, então, a seguinte referência: que a criança é na verdade, um “*miracurado*”, ou seja, a que foi pessoa alvo do milagre que o santo fez em vida, o qual teria servido no processo de beatificação de São Benedito. Conforme Frei Di Pazza conta:

“Várias senhoras, num carro puxado por cavalos, sofreram um grave acidente, no qual D. Eleonora caiu sobre uma criança de cinco meses de idade, tendo a criança morrido asfixiada. Diante do desespero de todos, Benedito tomou a criança nos braços, pôe a mão na testa gelada e recita algumas orações. Entregando a criança, disse: a senhora já pode amamentar a criança. A criança morta em contato com o seio da mãe, adquire vida novamente e suavemente suga o leite da mãe”

Neste relato (ou mito) é atribuído a ele, o título de São Benedito dos Inocentes. E a outra imagem que já descrevi seria a de São Benedito das Rosas. Representando o milagre das rosas já apresentado também aqui (p. 28). No entanto, o milagre que dá origem à imagem do santo com a criança parece ser a representação mais comum do santo. Pois, as homenagens, na sua maioria, apresentam, assim, e se cultua a imagem do santo negro sempre com uma criança branca no colo e embora o milagre difundido por todos seja o “das rosas” e não o da “criança morta”. Conferindo a ele diversas interpretações e versões.

---

<sup>31</sup> Esta festa do santo é sincretizado com o Vodun Verequete.

Outra característica importante de São Benedito é a questão da ambigüidade do santo, como *Careca* disse certa vez: “Gente, o meu pretinho é bom, mas ele também é traiçoeiro, quando ele castiga, ele castiga com fogo”. Este tipo de castigo atribuído a quem desobedecer ao santo, referido sempre pelos seus devotos, foi também observado por Raymundo Heraldo Maués (1987):

“Depois de três anos sem que se realizasse a festa, em junho de 1987 procedeu-se ao levantamento do mastro de Santo Antônio, na povoação de São Benedito da Barreta. Contam os moradores que antigamente, o único santo festejado era São Benedito, o padroeiro que deu nome á povoação. Mas um comerciante influente do lugar, devoto de Santo Antônio, levou para lá uma imagem deste santo, conseguindo motivar o povo a trocar de padroeiro, erguendo-se uma capela para abrigar o novo santo, enquanto São Benedito continuava sendo guardado e cultuado na casa de sua dona”. Durante certo tempo a festa do novo padroeiro realizou-se sem interrupção, embora ninguém esquecesse o antigo, cujo nome continuou a designar a povoação e para quem, anualmente, se mandava celebrar uma missa no seu dia. Passados alguns anos, a povoação começou a mostrar sinais de decadência. Muitos de seus habitantes começaram a deixar o lugar, transferindo-se para uma povoação vizinha, Itapuá e, na maioria, para a cidade de Vigia. Hoje só restam duas casas habitadas; muitas foram demolidas, outras permanecem de pé, mas abandonadas, e a casa do comerciante que promoveu a troca do padroeiro incendiou-se e foi destruída, juntamente com as mercadorias depositadas no seu interior. A voz corrente na Barreta, em Itapuá e na Vigia é que isso aconteceu por causa de um castigo de São Benedito, um santo ‘muito perigoso’ que anda com uma caixa de fósforos no bolso e com quem não se pode brincar” (MAUÉS, 1987:166).

Segundo o historiador paraense (e bragantino) Nonato da Silva (2006:56) no Brasil, desde 1680, vários centros de religiosidade popular se instalaram em torno da figura de São Benedito, como em Salvador, Olinda, Recife, Igarapu, Belém, Bragança. Foram sobretudo os negros ladinos (que dominavam a língua portuguesa, chamada 'latina') que veneravam São Benedito. Os chamados 'negros boçais' (os que não falavam português) continuavam a venerar seus orixás africanos, como Iemanjá, Xangô, Iansã, Ogum, Exu, etc. Já no século XIX, com a canonização do beato frei Benedito, sua devoção espalhou-se mais ainda pelo território brasileiro, ao lado de marujadas, batuques, congadas e ritmos como lundu.”“.



## *As (outras) festas: São Benedito e seus festejos*

### *Festa do Glorioso São Benedito da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do bairro da Campina*

O culto a São Benedito é muito conhecido no Brasil e, na Amazônia existem também muitas festas em homenagem ao santo negro (BRANDÃO, 1978). Em Belém (PA), ela é uma das festas mais antigas, sendo realizada pela Irmandade de São Benedito da Igreja do Rosário dos Homens Pretos (FIGUEIREDO, 1994; 2001). Segundo Motta-Maués<sup>32</sup>, em comunicação pessoal feita a autora, a festa de São Benedito do Rosário, começava com um tríduo de orações e benção do “santíssimo”, sempre às 19h30, na quinta, sexta e sábado que antecediavam ao domingo da festa. Nesse dia, as funções começavam as 8 horas, com missa solene (a grande instrumental, como se dizia), anunciada por grande queima de foguetes, o que se repetia logo após a consagração e, ao final do ritual, o qual era acompanhado por cânticos de um coro de vozes de tradicional conjunto da cidade (as Irmãs Panário). Os altares principais (central e imediatamente laterais) eram profusamente ornamentados de flores naturais, em jarros de prata, e longas guirlandas floridas que caíam acompanhando a beirada arredondada desses altares.

---

<sup>32</sup> Maria Angélica Motta- Maués, orientadora deste trabalho, é filha de Victal da Silva Motta, ex. tesoureiro da Irmandade de São Benedito da Igreja do Rosário dos Homens Pretos, em Belém, cargo que desempenhou durante longos anos (em meados do séc XX).



**FOTO 03 - (MOTTA-MAUÉS, Arquivo 1952)**

**Altar da igreja ornamentado para o dia da festa de São Benedito, em volta estão alguns integrantes da Irmandade de São Benedito e de Nossa Senhora da Conceição.**

A imagem do santo com o Menino Deus nos braços (existente ainda hoje na igreja) era (é) ataviada com rico resplendor e coroa de metal nobre e o menino se apresentava a cada ano, com rica veste (um vestido de menina, na verdade) de renda importada, doada sempre por algum (mais comumente alguma) devoto ou devota, em pagamento de promessa por uma graça alcançada.

A festa continuava a tarde, com procissão, às 17 horas e, na sua chegada, celebração de *Te Deum* solene, finalizando as funções mais “sagradas” do culto. Após esse, na parte de fora da igreja, realizava-se um leilão de ofertas dos fiéis, em que pontificavam bolos, assados e objetos de decoração arrematados, com grande animação, pelas pessoas que se espalhavam pela pequena praça existente ainda hoje na frente do templo. Esta festa (na verdade agora não é mais uma “festa”) realiza até hoje, no segundo domingo do mês de agosto, resumindo-se, porém, (praticamente) a assistência da missa dominical pelos

devotos do santo, que se misturam aos freqüentadores habituais do ritual, não fazendo o celebrante da missa qualquer menção a ela como dedicada, antes, a São Benedito. Ao contrário, hoje o que o celebrante faz questão de salientar e dedicar a missa é ao Dia dos Pais, festejado, como se sabe, no segundo domingo de agosto.

### ***Festa de “São Benedito das Rosas”<sup>33</sup>***

A festa em homenagem a São Benedito das rosas é organizada por Francisca Gonçalves Guedes, 91 anos, originária de Cametá, que ao migrar para Belém nos anos 1970, iniciou esta festa há 36 anos, portanto. Esta devota é mais conhecida como Dona Lulu. A imagem de São Benedito das Rosas que ela possui é de madeira esculpida, antiga, pertencendo a sua família há 200 anos, e foi herdada por ela de sua avó. Dona Lulu ajudava na festa de São Benedito, em Cametá<sup>34</sup>, onde acontece uma tradicional homenagem anual ao santo.



**FOTO 04- ( O liberal-19/08/2007)  
Dona lulu e a imagem de São Benedito das Rosas**

Atualmente, A festa de São Benedito das Rosas que Dona Lulu faz em Belém, conta com a organização também de Francisco Pia, 55 anos, sobrinho dela. A festa organizada em Belém era primeiramente na própria residência da senhora, onde esta reunia cametaenses que também moravam em Belém. No entanto, após alguns anos, começou a ser realizada em uma igreja. O motivo da mudança, Dona Lulu explica assim: que muita

---

<sup>33</sup> Neste caso a imagem é diferenciado sendo o santo ao invés do menino Jesus nos braços possui uma cruz em uma das mãos e rosas na outra.

<sup>34</sup> A festa de São Benedito das rosas em Cametá acontece no período no 16 a 26 de dezembro

gente começou a participar e não dava mais para ser em sua casa, devido o espaço ser pequeno para tantas pessoas. Segundo Regina Alves, professora universitária, pertencente a uma família cametaense e que desde quando a festa de Dona Lulu iniciou a freqüenta, juntamente com sua mãe, em comunicação pessoal a autora, a festa de Dona Lulu é um grande momento de encontro entre os cametaenses que moram em Belém.

A festa de Dona Lulu acontece no último domingo de agosto, inclusive com a apresentação de danças, consideradas típicas, da cidade de Cametá, como o Siriá, que é uma dança onde os dançarinos apresentam-se organizados em casais, com as mulheres trajando blusas rendadas brancas e curtas, de forma que parte de sua barriga fique à mostra, e saias longas estampadas e rodadas. Os homens vestem calças brancas ou escuras e camisas coloridas com as pontas amarradas na frente; eles usam, ainda, um pequeno chapéu de palha enfeitado com flores. Do ponto de vista musical, seria um estilo de “batuque africano”.

Dona Lulu se declara católica e muito atuante; é paroquiana em Belém, da igreja de Sant’Ana, localizada no bairro da Campina, e lá inclusive possui a aprovação do pároco Antônio Beltrão para a sua festividade, que também conta com apoio e participação de outros membros da Arquidiocese e em 2000 teve missa celebrada por Dom Vicente Zico, Arcebispo Emérito de Belém e com a exposição das ‘reliquias’ do santo<sup>35</sup> trazidas especialmente para a festa, por suas depositárias. E, depois, em 2006 e 2007 a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, a mesma que no mês de outubro sai no Círio, participa da festa de São Benedito das Rosas. Durante a celebração da missa, no dia da festa, no momento do ofertório são ofertados elementos escolhidos previamente que traduzam Cametá, a identidade cametaense, como o mapará, peixe muito comum e apreciado naquela região que é conduzido ao altar por um casal de dançarinos do Siriá. A festa possui uma grande divulgação pela mídia<sup>36</sup>

Nesta festa, há a participação, também de “cametaenses ilustres”. Em 2007, por exemplo, do prefeito de Cametá, Waldoli Valente. Durante os anos em que a festa em sendo realizada, em Belém, ela já passou por diferentes templos católicos, como a Capela do Colégio Santo Antônio, localizada no bairro do comércio, e a Igreja de Sant’Ana, localizada no bairro da Campina, e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens

---

<sup>35</sup> Segundo informação obtida no texto jornalístico sobre a festa (O liberal, 19/08/2007), confirmada por Regina Alves, já citada aqui, tal relíquias estariam na posse das Irmãs Terezinhas, de Bragança da Ordem fundada pelo antigo bispo, Dom Eliseu Corolli.

<sup>36</sup> Inclusive um dos patrocinadores da festa é o principal grupo de comunicação do Estado, as organizações Rômulo Maiorana (ORM).

Pretos, também no bairro da Campina.(onde a festa mais Antiga, na verdade, como tal, não é mais celebrada, como vimos).

### ***Festa de São Benedito no bairro do Jurunas***<sup>37</sup>

A partir de 1955, (neste sentido simultaneamente com a Igreja do Rosário, inclusive com o mesmo calendário, dia em que se comemora o Dia dos Pais) segundo relato dos promotores da festa, no bairro do Jurunas, em Belém, antigo bairro popular, tradicionalmente promotor de manifestações festivas. (RODRIGUES, 2006) passou a acontecer uma outra festividade em homenagem a São Benedito, a qual, surgiu devido dissidência entre membros da Irmandade de São Benedito da Igreja do Rosário dos Homens Pretos. A festa concentra-se na Rua dos Timbiras, onde (no que era, originalmente, apenas a casa de devotos) hoje há uma capela dedicada ao santo; mas, a festa envolve todo o bairro, conforme pude observar durante as minhas incursões na área, realizadas em agosto de 2005, 2006 e 2007. Em 2007, inclusive, acompanhei a Marujada dos bragantinos de Ananindeua que aceitou o convite para se apresentar na “festa do Jurunas”.

Na tese de doutorado de Carmem Izabel Rodrigues: *Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém - PA (2006)*, a autora apresenta a festa de São Benedito no bairro do Jurunas, como a mais importante, nos dias atuais, do bairro. Segundo essa antropóloga, existem duas festas distintas em homenagem ao santo nesse bairro. Uma delas, é realizada no mês de julho e é promovida pela Associação dos Moradores da Rua dos Timbiras. A segunda é realizada pela Irmandade Cultural Recreativa de São Benedito cujo presidente atual é Manoel Costa, e é a esta que me refiro aqui.

A festa do Jurunas iniciou-se em 1955 por seu pai, Mário Batista da Costa, membro dissidente da antiga Irmandade de São Benedito da Igreja do Rosário dos Homens Pretos, no Bairro da Campina, no centro da cidade. O fundador contou com a colaboração, também, de dois outros membros, que romperam com a Irmandade da Igreja do Rosário: Joaquim Gomes da Conceição e Manoel Cirineu da Costa.(o atual presidente).

---

<sup>37</sup> É interessante que no percurso da longa procissão é possível identificar vários devotos conhecidos de São Benedito. Principalmente quando passa ao lado da praça Batista Campos aonde no ano de 2007 com a participação da Marujada de Ananindeua os componentes ia cumprimentando seus conhecidos como: Junior Soares (bragantino e músico do Grupo arraial do pavulagem), dona Lulu (festa do São Benedito das Rosas) e tantos outros.

A festividade, que tem duração de duas semanas e se inicia com uma procissão fluvial, vinda da ilha do Acará, no segundo domingo de agosto, chegando no porto do Açaí, acompanhada de vários barcos e após a chegada, se dá início a procissão terrestre, recebendo o santo homenagens no Porto do Açaí pelos feirantes do local. A procissão segue pela avenida Bernardo Sayão que corre ao longo da margem do rio Guamá, que margeia a cidade, até a rua do Timbiras, onde esta localizada a capela em homenagem ao santo.

No ano de 2007, a Irmandade de São Benedito de Ananindeua foi convidada por Manuel Costa para participar da procissão e dançar a Marujada, após o almoço. A festa ocorreu no segundo domingo de agosto, onde aconteceu, na Igreja de São Judas Tadeu a missa solene após o que deu-se início a procissão que percorre um longo trajeto através dos bairros do Condor, Cremação, Batista Campos retornando ao bairro do Jurunas. Ao longo do percurso a imagem recebe várias homenagens. E há também a grande distribuição de água aos devotos, aos que acompanham a procissão, pelos moradores em suas casas, como também suco de frutas artificial, gesto que causou muita admiração, por não ser considerada comum, nestes casos a distribuição de qualquer outro líquido que não seja água.

A procissão retorna para a capela de São Benedito, localizada na rua dos Timbiras, Onde a imagem é retirada da “berlinda”<sup>38</sup>. Após isso é oferecido um almoço a todos os presentes, em um salão localizado atrás da capela, em pratos descartáveis e acompanhado de água, diferentemente de Bragança e de Ananindeua, onde os pratos são de louça e são servidos refrigerantes para todos. A tarde, na festa de 2007, houve a apresentação da Marujada de Ananindeua e, na ocasião, *Careca* aproveita para fazer o convite aos presentes para festa de São Benedito de Ananindeua, em janeiro de 2008. A festividade do Jurunas continua a tarde, onde A imagem sai em procissão, novamente pelo bairro e, ao voltar, são derrubados os mastros. E é cantada a ladainha encerrando com o Te Deum Laudamus, em latim.

Transcrevo aqui, um trecho do panfleto de apresentação dessa festa, distribuído no ano de 2005, quando ela completou o “jubileu de ouro”(cinquenta anos), onde fica evidenciada a referência a questão racial e uma identificação do santo como “negro”<sup>39</sup>.

---

<sup>39</sup> SOARES, 2000.

Benedito que pela cor da pele foi chamado o santo preto. A família de Benedito era descendente da África. Oriundos da Etiópia, os avós do santo eram tipos legítimos do africano daquele que nasceu na região. Benedito nasceu com aquela cor dos nascidos na África.

Houve uma época em que se quis atribuir a ele uma cor morena, quase branca. Mas o fato é que Benedito era mesmo de cor africana.

Pretos foram também Santo Elesbão e Santa Efigênia, e muita glória deram ao Senhor e à Igreja. E a Igreja nos ensina não olhar nem para cor nem para posição social.

A vida maravilhosa e edificante de nosso glorioso São Benedito é prova de que Nosso Senhor é rico de sua graça aos pequeninos e humildes, aos de coração puro.

Para a santidade não contam as riquezas, honras, posições, idades e muito menos a cor.

Benedito preto, filho de escravos, pobre venerado por  
todo o

Brasil.

Deus exalta os pequeninos.

### ***Festa de São Benedito em Bragança***

Entre as festas dedicadas ao santo, a mais antiga e “tradicional” é a que acontece na cidade de Bragança<sup>40</sup>, onde o culto a São Benedito teve início em 1798. O mito de origem da festa, bastante difundido entre e pelos nativos da região, diz que tudo começou quando os, então, negros escravizados pediram aos seus senhores para erguer uma igreja em homenagem ao santo. Pedido atendido, foi fundada a Irmandade<sup>41</sup> de São Benedito e, em agradecimento, eles realizaram uma grande festa. O gesto se repetiu ano a ano e, assim, nasceu a "Marujada de Bragança", uma manifestação que reúne, danças, música, ritmos específicos, canções em louvor a São Benedito. E que, nestes mais de duzentos anos, vem sendo repetidamente atualizada, a cada festa, pelos devotos bragantinos do santo, ganhando hoje foro de manifestação cultural prestigiada e evidenciada como item privilegiado da identidade dos nativos do lugar, da própria cidade e da região bragantina. Um dos escritores bragantinos que escreveram sobre a festa de São Benedito da cidade de

---

<sup>40</sup> Uma das cidades mais antigas do estado do Pará, segundo a publicidade e os pertencentes do local. mais informações ver: MAUÉS. Origens históricas da cidade de Bragança. In: Separata da Revista de História numero: 72.SP, 1967.

<sup>41</sup> Sobre Irmandades Católicas além dos estudos de FIGUEIREDO, já citados, ver também, estudos anteriores GALVÃO, 1955; AZZI, 1977; HOORNAERT, 1974; BOSCHI, 1986; (MAUÉS, 1987 entre outros.

Bragança foi Armando Bordallo e sua principal obra foi: *Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina*, conclui que a Marujada como se apresenta em Bragança é uma manifestação folclórica tipicamente bragantina por diversas razões segundo o autor, enquanto em outras regiões existem as dramatizações de feito marítimo, na região bragantina isso não acontece. Outro é que a característica da Marujada seria a dança, o Lundu com a denominação de Retumbão <sup>42</sup>.

Nonato da Silva, historiador, bragantino, autor da dissertação de mestrado: *Os donos de São Benedito: Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX*. Inclusive cita o autor Bordallo, ao dizer que a dança da Marujada, é uma dança que existe desde o período das navegações em Portugal, trazida para o Brasil e aqui se transformando em uma espécie de “bailado popular, possivelmente entre fins do século XVIII e início do século XIX, porém com um caráter mais erudito, por influência de poetas inclusive com um nome” Chegança de Marujos “.

O ponto alto da festa é em dezembro, mas sua preparação começa muito antes já no mês de maio<sup>43</sup>, quando dá-se início ao que eles chamam de “esmolação”, que tem como propósito levantar fundos para a festa. Na esmolação, três imagens do santo percorrem diferentes áreas da região bragantina, ganhando, cada uma delas, inclusive, denominação própria. São Benedito "das águas" segue em romaria fluvial, que acontece no dia 8 de dezembro, com a saída do santo denominado “praiano”, até o porto de Bragança; São Benedito "das colônias” ganha as comunidades próximas à Bragança e São Benedito "dos campos” percorre áreas rurais de Bragança. Na esmolação, a "comitiva" de devotos do santo vai de casa em casa e é recebida com ladainhas e rezas, além de uma oferta de doces e comidas, feita por quem recebe o santo. O ritual da esmolação só termina no domingo anterior ao início da grande festa; é quando as três imagens retornam à cidade e são recebidas, conjuntamente com muita alegria e foguetes pelos moradores.

Segundo Silva (1997), autor da dissertação de mestrado: *Os tambores da esperança: um estudo sobre a cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade*

---

<sup>42</sup> ver: Miranda, Nicanor. Marujada. Divisão e Recreio. Departamento de cultura de São Paulo.

<sup>43</sup> Na verdade bem antes, pois para saírem os grupos de esmoladores para cada espaço a que se dirigem, isso exige um preparo e uma organização anteriores.



de Bragança, a "Marujada de Bragança" é um ritual de louvor com danças e música, onde um grupo de mulheres e homens, denominados marujos e marujas, vestem-se com roupas características nas cores branca e azul em homenagem ao Menino Jesus, nos dias 25 e 31 de dezembro; e de branco e vermelho em homenagem a São Benedito, no dia 26 de dezembro, dia da festa do santo e daí em diante, nos outros dias da festividade, reunindo-se no "barracão" para dançar ao toque de instrumentos específicos e ritmos próprios da festa. A música é tocada por homens, os "tocadores da marujada", que tocam instrumentos que são: tambor, pandeiro, banjo, reco, onça e rabeca. Vestidas de capitoa e subcapitoa, duas mulheres comandam a festa, em que, divididas em duas filas, outras mulheres, as "marujas" saem dançando e cantando por toda a cidade no auge da festividade: o mês de dezembro. Com túnica de mandrião branco, saia vermelha e azul, colares de contas, fitas coloridas e chapéus de abas douradas, altos confeccionados com penas brancas de patos, as "marujas" dançam em passos ligeiros e curtos ao ritmo do retumbão<sup>44</sup>, tocado pelos homens, os "marujos", que vão atrás delas, nos últimos lugares das filas, tocando ainda seus tambores, pandeiros, cuíca, rabeca, viola, cavaquinho e violino.

O autor analisa a festa de São Benedito de Bragança a Marujada, a utilização das comitivas de Esmoleiros de Bragança trajando opas, que é uma vestimenta utilizada na esmolação de São Benedito pelos rezadores, (esmoladores) promessas. Sendo, assim segundo o referido autor, a mais primitiva e original das manifestações de identidade de culto a São Benedito, por se "encaixar na delimitação metodológica dos gestos populares pela busca e alcance de uma resistência ao cativeiro do catolicismo disciplinador" e da fuga ao rompante processo que a então prelazia de Nossa Senhora do Rosário do Guamá movia pela reintegração de posse dos bens patrimoniais e culturais da festividade como um todo, contra a ainda "viva" Irmandade de São Benedito de Bragança a qual conseqüência, a sua Marujada chegou ao período no século XX intimamente ligada às principais tradições da cidade de Bragança. Por sua vez, para Nonato da Silva, a Irmandade do Glorioso São Benedito do século XX, foi:

Uma resposta de antigas associações aos novos problemas que se apresentaram a partir da influência dos padres barnabitas e das investidas destes no campo da aplicabilidade e execução de normas do movimento da romanização. Utilizando linguagens, rituais, vestimentas e

---

<sup>44</sup> O ritmo mais característico da marujada.

formas sincréticas de se comunicar com o transcendente, semelhantemente ao de seus antepassados congêneres, a Irmandade de São Benedito de Bragança apresentou um caminho de reação e resistência para os bragantinos destituídos pelas injustiças sociais e atribulações diárias “.(NONATO da SILVA, 2006:153)

Pretendo, neste momento, descrever, segundo o autor acima citado a dança da Marujada<sup>45</sup>:

“Roda, ritual coreográfico de dança que inicia e termina todo o conjunto da dança. A roda reflete e revive de forma expressiva a origem da festa, pois nela, constituída em círculo apenas por marujas, ao redor da igreja ou no salão, como que pedir licença aos seus ‘senhores’ para iniciarem seus volteios, sendo ainda o papel da mulher mais evidente e preponderante e que reverencia o Santo e as autoridades civis e religiosas que porventura estiverem presentes. Também é executada na alvorada de 18 de dezembro e no encerramento da festa, como que abraçando o templo do padroeiro e fazendo reverência à sua origem.

Retumbão, segundo ritual da dança, onde já se contempla a presença do elemento masculino - o marujo - Como a de principal agente já que o Capitão<sup>46</sup> e Vice-Capitão iniciam a coreografia e “chamam” suas parceiras por hierarquia, a Capitoa e Vice - Capitoa, respectivamente.

A presença masculina ressurgue a primeiro plano, já que a condição necessária para seu início, sendo encerrado pelos mesmos casais que começaram. Isso se manteve, embora mostre-se o contrário, nos ensaios, até os dias de hoje.

Entre suas definições, comungamos as opiniões de dois autores(...) a tratar do retumbão. Segundo Cezar Pereira, o reteumbão “é a dança de preferência da Marujada” e sua mais tradicional representação, onde o ritmo musical e o Lundu. Segundo Bordallo da Silva, em sua coreografia, o retumbão a obedece a uma “fuga bruscamente interrompida”.

A demais danças podem encontrar fortes referências no conteúdo escrito por estes autores.

O chorado, a terceira representação da dança, que se constitui, na verdade, numa variação do retumbão, dançado sob uma maior suavidade e lentidão dos passos e do tom musical por apenas um casal, livremente escolhido e com alternância a cada final de dupla. A mazurca (ou mazunga), com casais cujos corpos são dispostos lateralmente, como num abraço de lado, sendo caracterizado pela rapidez, balanço, sacolejo, que, na forma de um círculo, ou “cobra humana” rodopiante pelo salão até voltar à posição inicial. É comparada, pelos próprios marujos, como uma dança sensual, que expõe o sentimento, atingindo, inclusive, um clímax, que se dá na aceleração do ritmo pelos tocadores.

Valsa, dança incorporada à Marujada pelos brancos que a executavam nos salões de baile em Bragança, assumindo certa variação no que tange à forma. Se opõe ao ritmo frenético da mazurca, por tons lânguidos e calmos, por pares liberadamente escolhidos.

---

<sup>45</sup> A estes tipos de dança que serão apresentados na citação, o autor Nonato da Silva (2006) acrescenta mais dois estilos o arrasta-pé e a contra-dança.

<sup>46</sup> Capitoa e vice-capitoa e capitão e vice-capitão, são termos utilizados para denominar os dois principais casais de marujos de São Benedito e que servem como dirigentes da parte da dança.

Xote, também incorporada á manifestação pelos aristocratas senhores. Tipicamente regional, assumiu na Marujada algumas variações coreográficas. Teve origem certamente na Hungria, ampliada nos países de colonização européia como dança da classe senhorial, em Bragança, mobiliza a maioria dos presentes ao barracão e, de forma mais intensa, alcança o frenesi com a alteração rítmica com que é tocado ou dançado”(NONATO DA SILVA, 2006: 141)

Portanto, segundo, Nonato da Silva, a Marujada seria para ele, “reformadora de padrões” uma vez que:

“A partir do referencial da escravidão, incorporou ao longo dos anos os valores e as vicissitudes dos primitivos escravos (...) Assim, dançar com os pés descalços, fazer saudação e reverências às autoridades são comportamentos que rememoram esse ‘tempo de cativo’, onde os escravos comuns na sua vida cotidiana andavam descalços e deviam prestar obediência, lealdade e fidelidade a seus senhores”(NONATO DA SILVA, 2006:273)

O leilão inicia no mês de maio, quando da saída das comissões das “três” imagens de São Benedito e “parece reviver o mito do escravo pedinte” e do “senhor benfeitor” que oferece os seus donativos, às vezes, comida e bebida aos esmoleiros, que em troca rezam e cantam em suas casas, rogando bênçãos aos seus proprietários e residentes, já que analisa, Nonato da Silva, com a proteção dos brancos, com toda espécie de dádiva, para os leilões, a festa foi progredindo e aumentando de ano para ano.

Outro ponto da festa é o leilão, que em simbologia se caracteriza pela disputa de *status* de quem acaba sendo um patrocinador da festividade, sempre oriundo de grandes famílias, na estrutura social que se configura em identificar o poder aquisitivo de quem lança aposta sobre os bens de toda a espécie e diversos valores.

Já o almoço, que se dará nos dias principais da festividade, ou seja, dia 25 e o dia 26 de dezembro, sendo de responsabilidade das pessoas escolhidas como juiz e juíza da festa, como uma espécie de patrocinadores. No almoço, os marujos são sempre homenageados “em contradição com o leilão, aonde chegam a trabalhar com o locutor apresentando os bens”. Para ser escolhido como juiz e juíza para a Marujada é preciso ter um certo poder aquisitivo para dar conta dos gastos exigidos. Porém, enfatiza o autor que é na procissão que acontece “o clímax da festa inteira” com centenas de marujos e marujas de fora, agradecendo a São Benedito por uma graça alcançada, a maioria da população bragantina, inclusive com a presença intensa de marujos e marujas que são pessoas que migraram para outras cidades paraenses ou mesmo outros estados brasileiros. Segundo ele, “É maior do

que a procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré (Belém) em numero e extensão”. Continuando, o autor afirma que o percurso da procissão obedece, atualmente, ao itinerário proposto após 1988, quando da “tomada” da Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança pela diocese de Bragança. Uma das mudanças foi o fato de aquela deixar de passar pela Travessa Nove de Setembro, no bairro da Aldeia, em frente à residência do “ex-procurador Arsênio Pinheiro”, o que seria uma forma de negação ao trabalho que este desenvolveu por muitos anos na Marujada.

E esta última festa que é digamos molde para a outra festa de São Benedito realizada em Ananindeua e dará o estilo estético e devocional a ela como veremos a seguir.

## **CAPÍTULO II**

### **FESTA DE SÃO BENEDITO EM ANANINDEUA**

“Somos como se fosse uma só farofa”

A frase acima foi uma comparação feita por *Keleimen*<sup>47</sup>, bragantino e neto da fundadora da festa de São Benedito em Ananindeua. Ele usou a metáfora da farofa para dizer que todo aquele grupo de bragantinos forma uma unidade em todos os momentos. Para *Maria Luiza*, sua mãe, o relacionamento entre os migrantes pode ser traduzido da seguinte forma: “Nós nos consideramos (parentes) porque nos criamos dentro da Marujada de Bragança”. *Careca*, “presidente da Irmandade de São Benedito de Ananindeua”, explica o porquê da denominação “irmandade”: “Irmandade? Por que aqui todos somos irmãos”. *Lindalva*, esposa de *Careca*, lembrando de como conheceu o marido, ilustra bem esta situação: “conheci o *Careca* dançando Marujada lá em Bragança: ele já era marujo e eu maruja”.

A partir dos comentários acima, pretendo apresentar o contexto onde a festa é realizada; a cidade de Ananindeua, que foi o *locus* deste estudo; como também descrever a estrutura da festa e falar desses migrantes bragantinos.

#### ***Morar em Ananindeua***

Em Bragança percebi que as pessoas sabem da existência de uma festa de São Benedito na Região Metropolitana de Belém, porém, ao nível da fala, há variâncias sobre o local de realização e as formas de denominá-la, conforme apresento: “a festa de São Benedito de lá de Belém” (muitas vezes); “a festa de São Benedito da capital” (algumas vezes); “a festa de São Benedito do *Careca* lá de Belém” (muitas vezes); “a festa de São Benedito de lá Ananindeua” (raras vezes).

---

<sup>47</sup> Keleimen comenta sobre a escolha de seu nome: “Meu pai achou esse nome no jornal... Eu sou tão difícil que começa pelo nome”. Diz brincando.

Mas, onde os bragantinos que fazem a festa que é objeto deste estudo moram, depois de sair de sua cidade natal? Na cidade de Ananindeua, pertencente à Região Metropolitana de Belém.

É comum mesmo para algum morador de Ananindeua, quando diz onde mora, fazer “confusão” e declarar: em Belém. Uma das hipóteses para esse “engano” aparente seria, talvez, realmente, não perceberem a linha divisória, isto é, a fronteira geográfica entre as duas cidades, pois a maioria das pessoas trabalha em Belém. Aliás, a cidade de Ananindeua é considerada por muitos moradores uma cidade dormitório. Uma outra interpretação pode perpassar pela questão do *status* positivo e prestígio social atribuído aos moradores de Belém, enquanto que sobre os de Ananindeua recai a representação da pessoa que “mora afastado”, “no mato”, “não mora, se esconde”, onde, afinal, estão os que foram “banidos” de Belém, numa forma de segregação social. Esta foi a conclusão de Eliene Jaques Rodrigues na dissertação de mestrado, *Banidos da cidade e unidos na condição de Cidade Nova: espelho da segregação social em Belém (1998)*, que pesquisou especificamente os conjuntos habitacionais que formam o conglomerado comumente identificado, apenas, por “Cidade Nova”<sup>48</sup>.

Porém, tratando-se especificamente dos migrantes bragantinos, é necessário informar que eles estão distribuídos por diversas áreas, dentro de Ananindeua, inclusive atribuindo valores diferentes para cada setor da cidade. Assim, existem os que gozam de um prestígio maior, como a Cidade Nova em geral, onde residem, por exemplo, *Careca* e *Merca*<sup>49</sup> (ele mora no Conjunto Cidade Nova VI; ela no conjunto Cidade Nova VIII). Pelos que moram em outras áreas<sup>50</sup>, devido o fato de residirem em um conjunto habitacional da Cohab<sup>51</sup>, onde todas as casas são de alvenaria, ambos são considerados “bem-sucedidos”, pois possuem residência de custo imobiliário superior às dos demais, e cujas condições de

---

<sup>48</sup> O conjunto Cidade Nova é distante do centro de Belém em cerca de 12km e em 6km da sede de Ananindeua. Situa-se às proximidades das rodovias BR-316 (Belém-Brasília, coqueiro -Tapanã, Estrada do 40 horas e Estrada do Maguari, o que lhe permite acesso em mais de uma opção para Belém, Ananindeua e distrito de Icoaraci, tendo, portanto, uma localização privilegiada na periferia da região metropolitana de Belém. Sua implantação faz parte de uma estratégia voraz do capital imobiliário no Pará, desde a década de 1970, em demarcar a periferia de Região Metropolitana de Belém construindo habitações para camadas populares ou para classe média, sendo intenso o direcionamento para Ananindeua, sob diferentes formas, desde os grandes e médios Conjuntos horizontais até os condomínios fechados e prédios verticalizados “.” (RODRIGUES, 1997:153).

<sup>49</sup> É como é chamada a “filha de criação” da mãe de *Careca*, dona Maria José. O filho de *Merca*, Marcelo, foi “juiz da festa” do ano 2007.

<sup>50</sup> Ou seja, os que não moram na “Cidade Nova”.

saneamento básico e de moradia são melhores em comparação às outras áreas, ou seja, possuem uma “qualidade de vida” mais elevada, devido mais facilidade no acesso ao transporte coletivo, ruas com policiamento mais freqüente e iluminadas, etc

Como mostra o quadro abaixo:

**(Quadro 1)- Participantes da Irmandade de São Benedito de Ananindeua<sup>52</sup>**

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Parentesco</b>	<b>Profissão declarada</b>	<b>Onde mora</b>
Raimundo Souza ( <i>Careca</i> )	44 anos	“Filho de Arsênio Pinheiro”	Funcionário da UEPA e diretor da ASUEPA <sup>53</sup>	Cidade Nova 6
Maria José	72 anos	Mãe de <i>Careca</i>	Aposentada	Cidade Nova 8
Merca	56 anos	“Filha de criação de Maria José”	Doméstica e faz “trabalhos”	Cidade Nova 8
Lindalva	42 anos	Esposa de <i>Careca</i>	Cozinheira	Cidade Nova 6
Keileimem	29 anos	Filho de Maria Luiza	Operador de Máquinas	Ícui- Guajará
Maria Luiza	48 anos	Filha de dona Amélia	Cozinheira	Ícui- Guajará
Geisa	32 anos	Filho de Maria Luiza	Cozinheira	Ícui- Guajará
Marinho	26	Marido de Taty	Cobrador de Ônibus	Cidade Nova 6
Tatiany	23 anos	Filha de <i>Careca</i>	Universitária “de uma faculdade particular”	Cidade Nova 6
Edson	21 anos	Filho de <i>Careca</i>	Vendedor	Cidade Nova 6
Amélia Sulamita	77 anos	“Tia” de <i>Careca</i>	Artesã e aposentada	Ícui- Guajará
Pedro	53 anos	Marido de Maria Luiza	Cozinheira	Ícui- Guajará
João	54 anos	Amigo	Vendedor	Cidade Nova 6
Marcelo	34 anos	Filho de Merca	Ex: seminarista/ funcionário público	Cidade Nova 8

<sup>51</sup> Companhia de Habitação.

<sup>52</sup> Estes que estão dispostos no quadro são apenas aqueles cuja participação é mais freqüente na organização da festa, existindo outros como: Ribamar, Francisquinho e Cristina sendo os dois últimos considerados irmãos de Careca de Bragança e de Ananindeua por parte de pai. No entanto a participação mais efetiva no que diz respeito ao trabalho para a festa, passeios, piqueniques etc...Encontraram-se ausentes, participando apenas no dia da festa.

Todos os que estão no quadro são bragantinos ou descendentes, com algumas exceções. Como o caso de Marinho, que é casado com Taty (filha de *Careca*), e ainda de João, que é marujos e que conta como teve contato com a festa:

“Eu não sou bragantino, sou daqui mesmo, (Ananindeua) eu conheci a Marujada depois que eu saía na quadrilha do Careca, a Unidos da Cidade Nova. Eu também era de um grupo de capoeira<sup>54</sup> no complexo do 6. O nome do grupo era Nagô ou Nango (Nagô) o povo achava que a capoeira era coisa de macumba por isso nós era discriminado, também acham que capoeira era coisa de vagabundo, que não tem nada pra fazer, dizem: ‘essa luta de preto’. Eu não acho nada disso, a capoeira, assim como a quadrinha, a Marujada, faz parte tudo do folclore, da cultura”.

### ***A Festa de São Benedito dos “bragantinos” em Ananindeua***

A festa em homenagem a São Benedito em Ananindeua que iniciou com Dona Amélia Sulamita Santana dos Santos, em 1985, que em 2007 completou a idade de 77 anos, natural de Bragança, “descendente de escravos”. Ela conta que a festa foi o pagamento de uma promessa feita para São Benedito, pois passou 10 anos de sua vida cega. Então resolveu fazer uma promessa e prometeu ao santo que se ficasse curada faria uma festa entre os bragantinos em Ananindeua da mesma forma da festa que é “tradição” em Bragança há mais de 200 anos.

A festa começou a ser feita onde dona Amélia morava, uma antiga “invasão” na cidade de Ananindeua chamada por seus moradores, "Lago azul"<sup>55</sup>. Onde participavam cerca de 50 pessoas. Maria Luiza, conta que o local onde a Marujada se apresentava “era todo coberto de plástico” e que os juizes da festa foram sempre sua filha e netos

A festa ficou sob a responsabilidade de Dona Amélia durante os cinco anos que corresponderam ao tempo do pagamento da promessa. Ela diz que “pensou” em prosseguir mas, devido o falecimento de seu marido, não se achou em “condições”(financeiras), como antes, de organizar a festa; foi então, que procurou uma pessoa que, como ela, fosse “filho

---

<sup>53</sup> Universidade Estadual do Pará, *Careca* e sua esposa, Lindalva trabalham na Escola Superior de Educação Física, um do Campus da referida, universidade e o outro local onde Careca é diretor é a Associação dos servidores da UEPA.

<sup>54</sup> Ver MELO, Leila do Socorro Araújo. *Nas trilhas da ginga: Tradição e fundamento consolidando a prática educativa da capoeira em Belém*. 2000.

<sup>55</sup> Nome de um condomínio de luxo da cidade de Ananindeua que também existe desde a década de 60 (PENTEADO, 1968), como a “invasão”, segundo Maria Luiza, ficara próximo dele, os moradores passaram a chama-la pelo mesmo nome.



de Bragança” e que, assim, fosse capaz de continuá-la tal qual a de seu lugar de origem para perguntar se esta gostaria de assumir a presidência da festa. É nesse momento que ela convida Raimundo do Socorro Souza, conhecido como *Careca*, que ela chama de “sobrinho”<sup>56</sup>, convite que ele, inicialmente, recusa:

“Quando minha tia me pediu pra assumir a festa eu recusei, achei que era muita responsabilidade; nesse momento eu fui soltar um foguete (para São Benedito) e queimei minha mão<sup>57</sup>; naquele momento o pretinho tava me castigando porque eu tinha recusado, é como se ele me falasse: “Careca, segue o teu destino” e eu não podia fugir, voltei lá com ela e aceitei e tô aqui e vou fazer essa festa enquanto vida eu tiver”

A partir de quando Careca assumiu a presidência, ele dá outro rumo a festa que se transfere para a Cidade Nova VI, onde ele reside, precedida da imagem do santo que segundo ele lhe, foi dada por dona Amélia,<sup>58</sup> imagem que ele tentou “batizar” várias vezes na Igreja do Divino Espírito Santo, localizada na Cidade Nova VIII, e onde o santo teria permanecido durante 7 dias; paróquia cujo pároco da época era muito amigo de Marcelo, filho de Merca, que na época também era seminarista. Inclusive, segundo Marcelo, o padre doou um terreno para o *Careca* construir uma capela para São Benedito, porém, após o falecimento desse antigo pároco, um novo assumiu a paróquia e descobriu a doação. Então, “Tomam o terreno de *Careca*” na fala de Marcelo e em seguida constroem uma capela para Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no lugar.

A partir de então, *Careca* consegue que a festa se realize em uma quadra coberta da Escola de Ensino Fundamental Dom Alberto Ramos, “barracão<sup>59</sup>”, pertencente à paróquia de Santa Paula Frassinette, conseguindo que o pároco cedesse o espaço, porém mediante um “agrado” (repasso de artigos de limpeza). Até o ano de 2006 foi esse o local, e depois disso, “a história se repete<sup>60</sup>” para os bragantinos de Ananindeua, pois que o antigo padre deixa a paróquia e, novamente, o padre que assume não permite que a festa aconteça ali:

---

<sup>56</sup> . Apesar de não existir nenhum laço de parentesco entre eles.

<sup>57</sup> É perceptível a ambigüidade do santo.

<sup>58</sup> Há sinais de um conflito pela posse do santo entre *Careca* e dona Amélia

<sup>59</sup> Aqui quero empregar a expressão nativa para o lugar aonde a marujada irá se apresentar será sempre “barracão” expressão que será a mesma da de Bragança, e isso será reproduzido também seja na Cidade Nova na quadra coberta, no clube recreativo ASUEPA, ou no jurunas onde se irá apresentar todos serão tidos como o “barracão”.

<sup>60</sup> Herda também um passado de conflito com a igreja oficial neste sentido com a santa Paula Frassinette e com os padres: declarações.....

“Quando a Marujada entrou na igreja, o padre achou que era macumba<sup>61</sup>”. Finalmente, a festa é transferida para o clube ASUEPA<sup>62</sup>, onde *Careca* é diretor, pois é funcionário da UEPA, e que fica localizado no centro de Ananindeua, na BR-316 em frente a prefeitura municipal.

### ***O Careca, presidente da Irmandade de São Benedito de Ananindeua***

*Careca*<sup>63</sup> de Ananindeua, é presidente há 18 anos conhecido Raimundo do Socorro, afim de distingui-lo do “Careca de Bragança”, como é conhecido, por sua vez, João Batista, o presidente da Irmandade da Marujada de São Benedito em Bragança, sucessor de Raimundo Arsênio Pinheiro<sup>64</sup>.

O “*Careca* de Ananindeua” é bastante conhecido em Bragança e faz questão de aumentar sua popularidade e seu prestígio, o que pude perceber em vários momentos em que acompanhei sua *performance* em Bragança, durante a temporada da festividade de São Benedito. Foi esse o caso da distribuição pública das cestas básicas, na noite de Natal em sua casa e em comunidades do interior do município. Outro momento foi durante a “cavallhada”, um dos pontos altos da festa, quando *Careca* oferece cinquenta reais para ser um dos prêmios aos vencedores da competição, e comenta: “E ainda avisei pro Careca (de Bragança), coloca aí que quem doou foi o presidente da Irmandade de São Benedito de Ananindeua!”. Porém, no momento da entrega dos prêmios, misteriosamente, a doação não foi anunciada, e *Careca* comenta a frustração: “Vocês não acharam estranho isso... Ou eles não querem falar na Marujada de Ananindeua, ou o quê!”

---

<sup>61</sup> A expressão “macumbeiros” foi utilizado, como uma forma de Estigma ver: GOFFMAN (1982)

<sup>62</sup> Refere-se ao clube recreativo onde *Careca* e Lindalva trabalham ASUEPA será associação dos servidores da Universidade Estadual do Pará (UEPA) onde *Careca* é uma espécie de zelador e Lindalva trabalha de cozinheira. O clube fica localizado as margens da BR - 316 onde segundo (PENTEADO, 1968). Até a década de 1960, o deslocamento da periferia belemense em direção á Amazônia repetia a histórica função desse espaço em relação a colonização portuguesa, que era o uso pelas camadas mais abastadas que encontra vivendas e retiros ao longo da BR-316 “replica das rocinhas) dos séculos passados”. Um outro ponto marcante dessa expansão urbana para periferia da RM/ Belém, em particular para esses subúrbios imediatos, será o uso da margem dos eixos rodoviários principais para funções industriais, comerciais e de lazer, este último como a ASUEPA.

<sup>63</sup> Apesar do apelido nenhum dos dois Carecas, eles não possuem qualquer sinal de calvície para uma pretensamente, obvia relação ao apelido.

<sup>64</sup> Raimundo Arsênio Pinheiro foi presidente da Irmandade do Glorioso São Benedito em Bragança e também procurador da Irmandade do santo.

No mesmo evento, *Careca* e sua esposa, Lindalva, decidem pagar sorvetes para “cinquenta crianças” que estão assistindo ao evento; Lindalva sai no meio do povo escolhendo, apenas, “os mais pobrezinhos; eu olho logo pro pé, só escolho os que estiverem descalços, coitadinhos!”. Outro momento em que esse, digamos, projeto de construção de uma popularidade, é praticado por *Careca* (de forma intencional) é sua participação no leilão. É um momento em que o status se revela. O próprio leiloeiro, responsável por conduzir o leilão, tendo consciência disso. Com declarações do tipo: “vamos lá gente, o senhor José, nosso empresário ilustre, vai levar agora esse pavão pra sua fazenda”. Os lances iniciais são sempre de valores inacreditáveis para quem está de fora da lógica sobre o valor do tipo de bem leiloado, como o valor dos cachos de pitomba<sup>65</sup> de R\$ 500, que é anunciado como: “é a nossa tradição”.



**FOTO 4- (VIEIRA, 2007) Aves doadas para o leilão.**



**FOTO 5- (VIEIRA, 2007) Cachos de pitomba**

---

<sup>65</sup> A pitomba é considerada como fruta tradicional de Bragança, tanto que em muitas casas de Bragantinos em Ananindeua me apresentaram um pé desta fruta.

E quem adquire, no caso os cachos de pitomba, não está apenas adquirindo um produto que será usado para consumo próprio, pelo contrário, o produto vai ser de uso coletivo, simbólico e perceptível como fundamental. As pessoas que passam pelo comprador tiram galhos dos cachos e começa “a brincadeira de jogar caroço de pitomba uns nos outros”. E se joga em qualquer pessoa, até as mais influentes que chegam ao local são surpreendidas com um caroço de pitomba de um autor anônimo. Nesse momento percebe-se o inverso do momento da compra dos bens leiloados, onde o status social é exaltado; nessa brincadeira de jogar pitomba<sup>66</sup> percebe-se uma espécie de *Comunnitas* (TUNER,1974). *Careca* no leilão (ele era o único no local que estava vestido de marujo) faz questão de dar lances várias vezes, em vários produtos que estão sendo leiloados e compra (em 2007) 80 kilos de farinha(R\$ 220), 11 patos- (R\$ 230), 1 bolo, (R\$ 70), uma cômoda (R\$ 250), e cada vez que ele arrematava um desses prêmios, o leiloeiro anuncia: “foi comprado pelo *Careca*, bragantino que mora lá na capital” ou também “...O *Careca*, nosso irmão bragantino que mora na capital e é o presidente da Irmandade de São Benedito de lá”. E se continuava o leilão, agora com a apresentação de várias “varas de fumo”, ao que um senhor (fazendeiro da região) compra e anuncia com o fumo na mão: “Sexta-feira eu vou acender tudo isso lá na fazenda e eu quero ver qual é o caruana<sup>67</sup> que num vai abaixar lá! A feitiçaria vai ser boa!” (risos).

Terminado o leilão todos se dirigem para o Museu da Marujada,<sup>68</sup> onde está sendo servido o almoço.No caminho, fica-se sabendo que “a governadora, o Jader Barbalho, e a Elcione estão lá no museu”. *Careca*, então, anuncia que vai pedir um ônibus para a Marujada de Bragança. “Se o *Careca* daqui não tem coragem de pedir, eu tenho e vou falar com cada um desse políticos e quero que a imprensa esteja vendo tudo”E ao chegar ao museu, cumpre o prometido, consegue falar com a governadora do Estado e com o Deputado Federal, Jader

---

<sup>66</sup> Dona Noemi, 75 anos me fala de outra conotação para se jogar caroço de pitomba, ela conta: “No tempo que eu era mocinha, aqui em Bragança, se sabia que um rapaz estava interessado em alguma menina, quando ele jogava um caroço de pitomba nela quando ela passava, geralmente acompanhada do pai, o namoro era muito diferente dos de hoje”.

<sup>67</sup> Encantado da prática xamânica da pajelança na região amazônica, que fuma cigarros nas sessões.

<sup>68</sup> Criado pelo governo do Estado tendo como responsável o Careca de Bragança é atualmente, um centro turístico, com exposição de quadros, fotografias da Marujada, bem como venda de souvenirs.

Barbalho<sup>69</sup> “Só não falei com a Elcione, por que não vi quando ela saiu!” Ao falar com cada um, além de fazer o pedido, divulga a festa de São Benedito de Ananindeua e entrega os convites, para os políticos e para os “marujos e marujas”, também dá para as equipes de reportagem presentes na ocasião, inclusive dá até entrevistas para duas Emissoras de televisão: a TV Liberal, e a TV Cultura. Aliás, *Careca* parece ter um verdadeiro fascínio pela imprensa<sup>70</sup>.

Na casa de *Careca* há um compartimento diferenciado e ornamentado onde fica à imagem de São Benedito. E que é freqüentemente visitada por devotos que lhe fazem orações e doações. Existindo um cofre neste local, onde se deposita o “dinheiro do santo”. Com pinturas na parede que ganhou em 2007, como mostra a foto abaixo:



**FOTO 6- (VIEIRA, 2008) Imagem de São Benedito ao centro pertencente ao *Careca* (de Ananindeua)**

Antônio Candido, em seu clássico trabalho: *Os parceiros do rio bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida* (1964) fala do “dinheiro do santo” se referindo a construção de uma capela de Nossa Senhora do Socorro:

---

<sup>69</sup>Respectivamente se trata de Ana Júlia, atual governadora do estado pelo partido dos trabalhadores (PT) Jader Barbalho atualmente deputado federal, foi governador do Pará por dois mandatos, de 1983 a 1986 e de 1991 á 1994. Pertence ao partido PMDB. Elcione ex-esposa de Jader, é atual deputada estadual do partido PMDB.

<sup>70</sup> Esse fascínio de *Careca* pela imprensa pude perceber muitas vezes na minha pesquisa.

“Há anos atrás resolveu-se fazer uma capela nova, á frente da antiga igreja, em terreno doado por Vicente tal. Ela está agora quase pronta a quando se cogitou de transferir a Santa, o dono do terreno em que estava a antiga recusou-se a entregar a imagem velha, salva do fogo, que já está estragada, dizendo que só daria duas novas, compradas posteriormente. Alega que não a deixará sair do seu terreno para ir ao de outro; mas isto não tem razão de ser, pois este foi doado, havendo a respectiva escritura, e hoje pertence á Santa. Mas ele recalcitra e diz que fará uma nova capela para ele em sua terra. Isto esta errado, porque a capela nova feita com dinheiro da Santa e não é certo privá-la do que lhe pertence”. (CÂNDIDO 1964: 223)

Existe também uma cozinha do santo<sup>71</sup>, outro compartimento paralelo à cozinha da casa, “é onde se guarda o fogão, as louças, as doações, as coisas do santo” Penso que é somente com a figura de *Careca* que a festa de Ananindeua ganhou a proporção que têm hoje entre os bragantinos, em Bragança ou em Belém e em Ananindeua. Ele assume um projeto de “resgatar a tradição”, fazer uma festa “como era antigamente”. Isso é percebido nas criticas feitas lá em Bragança ou em exigências morais e comportamentais aos marujos no dia da festa; por exemplo, “Marujo não pode beber bebida alcoólica”, (mas bebem!); não pode se sujar a roupa branca; não pode brigar; não pode calçar sandália ou sapato, têm que ficar descalço; maruja também não pode usar camisas curtas demais ou transparentes e as outras regras iguais para um ou para outro. Que para os organizadores da festa em Ananindeua, anda se perdendo lá em Bragança, pois, o povo não respeita o Careca (de Bragança). Não é como no tempo do Arsênio, pois ele expulsava mesmo marujo que desobedecia. Ele dizia: tira o chapéu e vai pra tua casa! E todo mundo respeitava.

Entre *Careca* e Dona Amélia, em relação ao santo, percebi que existe uma disputa de poder e legitimidade. No entanto, no decorrer de minha pesquisa me deparei com outros discursos; Por exemplo, ao perguntar a *Careca* sobre a ausência de Dona Amélia, em determinada ocasião, ele se antecipa “Dona Amélia diz que eu roubei o santo dela, mas não é verdade, ela tá muito velha... tá ficando caduca”. E durante as festas de Ananindeua nestes 3 anos que participei dela, em todas, Dona Amélia e *Careca* têm tido algum tipo de desentendimento; por exemplo, em 2007, durante a missa, as intenções, foram todas para a

---

<sup>71</sup> Combinando com o fato do santo ser cozinheiro, ouvi histórias também sobre comida. Como certa vez que se tinha que colocar uma imagem de São Benedito na cozinha, em cima da geladeira, para trazer fartura e para a pessoa que cozinhar naquela casa cozinhar comida gostosa.

família de *Careca*, o que revoltou Dona Amélia que falava alto: “Eu sou a dona deste santo e iniciei esta festa e ele (*Careca*) não teve nem a consideração de colocar meu nome!”, o que causou grande constrangimento por parte da filha e netos de dona Amélia para contê-la e retirá-la, temporariamente, do local. Devo dizer, porém, que quando abordado pela imprensa sobre o início da festa, *Careca* sempre cita o nome de Dona Amélia. No entanto, a participação dela está cada vez mais limitada.

Outro elemento importante para esta questão da legitimidade é, justamente, o fato de *Careca* reivindicar para si a filiação em relação a Arsênio Pinheiro, que esteve frente por muitos anos da Irmandade de São Benedito em Bragança.

*Careca* faz a festa há 18 anos e ele conta, inclusive com apoio dos irmãos “paternos”, que vêem a devoção não somente como algo “inerente” aos nascidos em Bragança, como também aos descendentes de Arsênio, como é o caso de *Careca* de Bragança (João Batista) que sucedeu o pai, na presidência da festa, mesmo que sob a tutela da Igreja Católica. *Careca* de Ananindeua iniciou com a festa de São Benedito; Então, para *Careca*, a festa e a (suposta<sup>72</sup>) filiação em relação à “seu” Arsênio legitimam o vínculo com o santo (como devoto e zelador ou “dono”) e seu poder, enquanto presidente da festa e enquanto filho herdeiro de Arsênio por mais que, sua mãe negue esta possibilidade. Herança de um passado de conflitos (“a igreja tomou a festa da Irmandade”) se não uma herança. Porém, uma memória de conflito.

### ***História de vida Dona Maria José:***

“Qual é o santo que vem acolá?”.

- É São Benedito que vem me ajudar!

-Oh! Meu São Benedito, eu sou filha de Umbanda!

Ajudai-me por Deus a vencer as demanda!”<sup>73</sup>

Dona Maria José Ferreira, 72 anos, nasceu em Bragança, e diz que “Desde os meus três anos de idade, sou maruja e vou ser maruja enquanto vida eu tiver, sou muito chegada com o santo”, é viúva, teve dois filhos, a mais velha já falecida, Nazaré, ou como ela chama “A aleijadinha” e o segundo filho chama-se Raimundo, mais

---

<sup>72</sup> Apesar da mãe de *Careca* negar a versão contada pelo filho de que Arsênio seria seu pai, Dona Maria José afirma que teve um relacionamento com o procurador da Irmandade de São Benedito de Bragança, porém diz que *Careca* é filho de seu falecido esposo.

<sup>73</sup> Dona Maria José cantando no dia de São Benedito em Bragança.

conhecido como *Careca*, presidente da Irmandade de São Benedito de Ananindeua. Declara como sua cor sendo "morena clara" e sua religião, diz "sou muito católica, dizimista e tudo" Esse ponto é bastante enfatizado por *Careca* durante a Festa pois sobre assuntos religiosos ele sempre repetia que sua mãe "é uma pessoa muito católica" .

No entanto, conversando mais com dona Maria José, em um passeio promovido por *Careca* para arrecadar fundos para a festa 2007, que aconteceu numa praia na cidade de Barcarena/PA, ela me diz repentinamente: "Sabias, eu sou média, vidente, milagrosa, benzedeira e pajé! Sou pajé, eu até chorei na barriga da minha mãe que até meu pai ouviu o choro .Tenho o dom do passe, sou curadora, mas, só faço o bem". Ela conta que só pôde trabalhar com seu "dom" depois da morte do marido, pois ele nunca permitiu e conta; "Muita gente me procura e eu vejo o problema e mando, ou para Igreja Católica, ou para Pentecostal, ou ainda, para um hospital". Seus "guias" são "José Tupinambá, Mariana, Pena Verde, Mariazinha, Erondina" Porém, segundo Dona Maria José, o principal é o primeiro "Os guias são protetores dos santos" explica Mas, atualmente após um "derrame", a senhora diz que não incorpora pois têm "medo de cair" pois é "muito forte quando os guias descem." Sempre enfatiza que trabalha na "linha branca". Mora com a Merca, sua "filha de criação" que também possui " o dom"; diz ainda, que ela e Merca vivem das suas mediunidades possuindo clientes até fora do país. Ela conta que já teve um terreiro no Bengui, no entanto atualmente possui apenas uma "mesinha de santo", como substituta do terreiro.

Dona Maria José, como já vimos, mora, atualmente, com Melquiades da Graça Teixeira (Merca) sua "filha de criação" Ela conta como encontrou Merca:

" O pai e a mãe da Merca se tratava comigo. E a mãe dela não gostava da menina, ela tinha raiva dela! E um dia ela disse pra mim:  
- leva essa pequena lá pra Belém pra ti.  
Ela tinha 13 anos. Ai ela foi passar uma semana comigo e tá até hoje. Ela é como uma filha pra mim...Depois que ela chegou lá em casa foi que eu consultei o meu patrão (José Tupinambá) e ele disse:  
-Essa menina veio com o dom.  
E pediu pra que ela seguisse a missão dela."

Merca é bastante conhecida em Bragança onde afirma possuir vários "clientes". Em Bragança quando ela chega na cidade (conforme pude presenciar numa de minhas idas na



“Comitiva” (de *Careca*, em torno da festa de lá), existe um trânsito de mulheres pela casa para (ela) “tirar cartas”. O que Dona Maria José diz que não faz, apenas “dá passes” e recomenda a para as “clientes” que procuravam Merca, na ocasião: “Ela é muito trabalhadora, mas têm que gratificar muito bem ela, que ela ajuda ainda bem melhor”.

Dona Maria José conta porque resolveu sair de Bragança:

“Foi o Gerson Peres<sup>74</sup> que me levou pra Belém, pra trabalhar como secretária em uma universidade do estado que estava começando (UEPA), na Escola de Educação Física, antes eu trabalhava em uma indústria de bebidas, em Bragança mesmo, depois é que fui pra Belém, meu marido e os meus filhos foram comigo, meu marido bebia muito, naquele tempo a mulher tinha muito filho, mas, eu trabalhava e só tive dois”.

### ***Lá é feriado, mas, aqui não***<sup>75</sup>

Todo o ano *Careca* e os bragantinos que moram em Ananindeua viajam, pelo menos três vezes, para Bragança, no mês de julho, nas férias escolares, “para descansar” e, em mais outras duas ocasiões: durante o Círio de Nossa Senhora de Nazaré de Bragança, que acontece no segundo domingo do mês de novembro; e, no mês de dezembro, normalmente, no dia 23 de dezembro, data da ante véspera do Natal (como se diz), três dias antes da festa de São Benedito que, como já disse, ocorre logo no dia seguinte ao Natal (26 de dezembro).

Da viagem de novembro não participam exclusivamente os bragantinos. *Careca* “organiza” um ônibus e cobra a passagem de cada interessado, que a adquire na intenção de “ajuda” a festa de Ananindeua. Em 2006, por exemplo, alguns moradores do bairro do Telégrafo em Belém<sup>76</sup> foram presença ressaltada por *Careca*, que fez uma faixa e apresentou-a durante a procissão com os dizeres: “Os moradores do Telégrafo e da Cidade Nova saúdam Nossa Senhora de Nazaré”. A viagem têm como uma espécie de programação extra, um passeio à praia de Ajuruteua, pequeno balneário que está 36 km distante da cidade de Bragança, muito freqüentado em razão de sua grande extensão sua bela praia a beira do oceano.

---

<sup>74</sup> Gerson Peres conhecido (e antigo) político paraense, é atualmente deputado Federal do partido – PFL.

<sup>75</sup> Essa fala foi proferida várias vezes na ocasião anterior a viagem para Bragança no ano de 2007 uma vez que aqui em outro lugar fora Bragança não ser feriado..

<sup>76</sup> Entre eles, Iracema Oliveira.

Outra ocasião em que se viaja a Bragança é em dezembro, por volta do dia 23, como disse acima. Nessa viagem, que requer bastante preparação, percebida ao chegar a casa de *Careca* onde já se vê todos separando roupas, brinquedos, sapatos, todos “usados”, e outros objetos para serem doados aos “parentes pobres do interior”, bem como, muita gente fazendo embrulhos em papéis coloridos, pacotes que serão presentes dados para “um montão de afilhados”<sup>77</sup>, meus e do *Careca*, lá no interior; é muito afilhado que nós têm lá”, conta Lindalva. E fala também que todos ali são “bragantinos vitoriosos” pois foram para cidade e, portanto devem ajudar os parentes que “não conseguiram sair lá do interior”. Além da arrumação das “cestas básicas”, que *Careca* faz questão de levar todos os anos, para distribuir para seus parentes do interior, mas, também da cidade.

Chegando a Bragança visita-se, primeiro, os parentes que moram no interior<sup>78</sup>, indo de casa em casa, onde *Careca* é recebido com alegria e começa a entrega dos brinquedos para as crianças e uma cesta básica para cada casa visitada. Na ocasião, as pessoas se sentam para jogar “conversa fora”, como dizem, se atualiza nas novidades dos que foram e dos que ficaram. A novidade maior no ano de 2007 era um projeto do governo federal que estava “construindo casas para os moradores da região, além de dá bicicleta e caixa d’água” aos beneficiados pelo programa. Na ocasião, se almoça peixe moqueado, com farinha produzida lá mesmo e feijão plantado e colhido no terreno da família receptora dos visitantes; durante o almoço se conta as piadas, se fala dos casamentos de antigamente,<sup>79</sup> se manda notícias para os outros parentes que moram em Belém ou Ananindeua, o que acaba

---

<sup>77</sup> A expressões “compadre, comadre, afilhado, afilhada” são bastante usadas entre os bragantinos tanto em Ananindeua como em Bragança. Que reúne elementos da tradição católica. Os padrinhos e madrinhas (de batismo). Em tais condições, espera-se dos compadres e comadres a compreensão, e contribuição de se partilhar e assumir uma relação de reciprocidade.

<sup>78</sup> O interior a que os bragantinos se referem são os “campos” vilarejos afastados da cidade de Bragança, onde se vive principalmente da fabricação de farinha de mandioca e da agricultura e pesca.

<sup>79</sup> Na ocasião se comentava dos casamentos na região, dos casamentos de antigamente onde “não tinha namoro” ou seja, não existia um tempo anterior ao casamento, era, pois, uma vez escolhida a mulher para casar, logo a celebração do casamento era marcada e realizado pela família da futura esposa com a ajuda da comunidade caso não possuísse recursos para tal festa assim os vizinhos e parentes fariam doações de galinhas, patos, porcos, farinha. Uma vez que este casamento exigia uma reserva de recursos para os pais da noiva, pois além da comida que seria servido na ocasião do casamento é costume se hospedar os convidados por 3 dias na casa dos pais da recém casada. E durante esses dias, mesmo depois de casados, o marido tinha que esperar para ter a noite de núpcias com a esposa, pois, a tradição diz para ela dormir no quarto da mãe em sua rede e somente na noite do terceiro dia era permitido ao esposo de ter a primeira relação sexual com sua esposa. Que mesmo dormindo anteriormente na casa dos seus sogros, ele era permanentemente vigiado para evitar a consumação do casamento. Que somente ocorria transcorrido esse tempo, e após isso todos retornariam para suas casas.

sendo confundido pelos que estão lá e também pelos que vão para lá: uma hora se fala que se mora em Belém, outra hora se diz Ananindeua, parecendo não haver uma diferença clara de fronteira entre uma cidade e outra.

Na hora da despedida em todas as casas, sem exceção, *Careca* é presenteado com patos, farinha, galinhas, frutas: a reciprocidade é a regra. Terminada a visita no interior é hora de voltar para a Bragança e se preparar para a ceia do Natal. Aí, nesse momento, há uma rígida divisão de tarefas por gênero: as mulheres vão para a cozinha preparar a comida, que será servida, não somente para os bragantinos de Ananindeua como também aos parentes e amigos que vão à noite “ceiar” na casa de *Careca*. Enquanto isso, os homens ficam responsáveis por ornamentar a casa com balões, nas cores vermelha, branca e azul, e luzes coloridas além de carregar os móveis para a parte lateral, uma espécie de varanda, da casa, onde vai ser servida a ceia. A preparação da casa se inicia pendurando-se uma faixa, do lado de fora, na parte da frente da mesma, aliás, com uma mensagem, como pode ser visto na foto abaixo:



**FOTO 7 - (VIEIRA, 2007) Faixa afixada na parede da frente da casa de *Careca* em Bragança à esquerda se encontra João.**

Depois de tudo pronto e arrumado, alguns saem já a noite para assistir e/ou participar do ensaio da Marujada no *barracão*, ocasião em que *Careca* de Ananindeua chama o Careca de Bragança e convida os marujos e marujas presentes para dançar na festa de Ananindeua que acontecerá no segundo domingo de janeiro informando, porém, que há um ônibus de 60 lugares e cada um precisa pagar R\$ 10 para ir nele.



**FOTO 8 - (VIEIRA, 2007) Os dois *Carecas* à esquerda o de Bragança e à direita o de Ananindeua**

Mas tarde um pouco, voltam todos para a casa de *Careca*, onde muitas pessoas já se encontravam aguardando. *Careca* dá início, então, à distribuição de mais cestas básicas e presentes, tudo em tom solene e para todos ouvirem o anúncio das entregas, se utilizando para isso, de microfone e caixas de som, inclusive. No final, todos comem, bebem, alguns agradecem, outros “falam mal!” e saem chateados e insatisfeitos, pois “não têm cestas para todos”, como lamenta *Careca*.

No outro dia de Natal, *Careca* e os demais não se vestem de azul, preferem ir para praia, como ele diz, pois, “a promessa de todos aqui é sair é pra São Benedito e a gente”. Só sai dia 26, de vermelho e branco”. E apenas retornam da praia as quatro horas da tarde para a “cavalhada”. No outro dia, todos os que vieram de Ananindeua vestem-se de vermelho e

branco e participam, pela manhã, da missa solene da festa do santo. *Careca* participa do leilão, do almoço (apenas para os marujos e marujas) e finalizando com a grande procissão pelas ruas de Bragança, terminada a qual todos “pegam”, como se diz, o ônibus e voltam imediatamente, para Ananindeua, para a partir de então, “começar a trabalhar para nossa festa de lá”

### ***Festa de São Benedito em Ananindeua 2007***

Na festa deste ano (2007) além da mudança do local<sup>80</sup>, houve um fato inédito, uma missa especial para o santo, que, portanto, foi celebrada com a presença de um padre. O padre José Gruber, austríaco, 70 anos, que presidiu a celebração sem saber que estava mudando a história da festividade, uma vez que as missas sempre fazem parte da programação da festa. Porém, sempre em uma igreja como missa comum. A diferença é que, em nenhum ano anterior a este, desde que a festa foi criada em Ananindeua, houve a presença de um sacerdote Católico no local da festa. Na ocasião, o padre Gruber também declarou que não conhecia muito a história de São Benedito, sabia apenas que se tratava de “um santo muito popular e humilde”. Porém, antes de iniciar a missa, *Careca* anuncia: “se alguém quiser confessar... o padre tá esperando!” E o padre comenta depois que ninguém veio se confessar e deseja “boa festa para associação de vocês! (acrescentando) pelo menos assim o povo veste roupa bonita” (se referindo à Marujada que se apresenta com vários pares de dançarinos de Ananindeua e os que vêm de Bragança, especialmente para festa). *Careca* emociona-se muito durante a missa.(chora) No entanto, com o novo lugar da festa, por se tratar da sede de um clube recreativo, acontece o que, para ele, foi considerado um problema: a “incompatibilidade” entre a piscina e o respeito ao santo, fazendo proibições do tipo: “Não vai poder passar de biquíni pra cá! Também não será permitido dançar de biquíni ou sem roupa decente!”. Exigência de recato que no momento contrastava com a música que tocava na “aparelhagem” e que tinha como refrão “vou encostar o meu mijador no teu mijador”. Em seguida, dá-se início ao leilão que, este ano, teve como premiação dois bolos e um liquidificador.

---

<sup>80</sup> Sobre essa mudança de local *Careca* mencionou antes de iniciar a festa que pela primeira vez foi na ASUEPA: “a história se repete a tendência vem lá de Bragança para Ananindeua. São certos padres que quem acabar com a tradição afastando o povo, a briga é entre os padre e sobrou pra São Benedito”.

Dando prosseguimento à festa, começa-se a organização para servir o almoço. (Segundo *Careca*, nesse ano de 2007, foram distribuídos 2.5 mil “pratos de comida”). Esse momento é dividido em duas partes: primeiro são servidas as mesas para os marujos e marujas, assim como para o “povo em geral” ali presente, sendo os pratos preparados previamente, o chamado “prato feito” (com frango ou carne, feijão, arroz, farofa, macarrão e salada) feitos, logo depois serve-se o restante das pessoas (todos são servidos e comem em pé ou onde conseguirem sentar). Paralelamente a esse almoço “para todos”, serve-se uma mesa especial, a “mesa das autoridades”, onde são servidos pratos mais sofisticados como: (maniçoba, vatapá, pato no tucupi, tortas salgadas e outros tipos de pratos) e onde a própria pessoa tem a oportunidade de escolher o que vai comer e a possibilidade de repetir, caso deseje. Somente é permitido participar dessa mesa as pessoas anunciadas por *Careca*, que as elege como “autoridade” e anuncia ao microfone, como fez com a pesquisadora: “na mesa das autoridades não poderia deixar de convidar, minha repórter, Sônia”.



**FOTO 09 - (VIEIRA, 2007) Mesa onde são servidos os marujos (a) e o povo em geral; se observa os “pratos feitos”**



**FOTO 10 -(VIEIRA, 2007) Mesa onde são servidos as “autoridades”  
Onde cada um dos que são previamente chamados por  
*Careca* pode se servir do que desejar.**

Após o almoço, a Marujada novamente se apresenta, como também aconteceu em 2007, também a participação do grupo para-folclórico, “Frutos do Pará”, de Iracema Oliveira. Terminada a apresentação, dá-se início à procissão que tem como trajeto, um curto perímetro da Br-316. Na ocasião em que levantaram o andor do santo se fez uma brincadeira: “Daqui vamos todos pra Bragança, andando” risos. O trajeto escolhido para a procissão, teve como primeira “parada”<sup>81</sup> da imagem, o local em frente ao hospital Anita Gerosa, onde todos rezam e pedem a São Benedito a cura para os doentes que se encontravam internados no hospital. A segunda parada foi em frente a igreja de Nossa Senhora das Graças<sup>82</sup>, onde *Careca* inicia uma oração, juntamente com os demais, onde pede-se para a “protetora de Ananindeua” que abençoe os bragantinos que vivem nesta cidade e, juntamente com São Benedito, “protetor de Bragança”, abençoe a festividade em Ananindeua. Enquanto isso soltam-se fogos de artifício e *Careca* grita: “Viva o povo bragantino!” “Viva os marujos e marujas de Bragança!”<sup>83</sup>.

<sup>81</sup> Seriam os locais escolhidos por *Careca* (de Ananindeua) para fazer uma “oração” onde todos param e rezam em voz alta.

<sup>82</sup> A Paróquia Matriz de Ananindeua.



**FOTO 11 - (MORAIS, 2008) Parada da procissão, onde se reza.**

.E a procissão volta para o “*barracão*”, que nesse ano era a sede da ASUEPA, e, ao chegar, *Careca* agradece a participação dos “irmãos de Bragança”, referindo-se aos dançarinos da Marujada que já se preparam para voltar para Bragança. A festa se encerra com a apresentação de mais fogos de vista.

### ***Festa de São Benedito em Ananindeua 2008***<sup>83</sup>

“Estão aqui um grupo (sic) de bragantinos celebrando uma tradição que vem de uma cidade para outra, eles vieram lá de Bragança trazendo o amor e a devoção a São Benedito”<sup>84</sup>

A festa do ano de 2008 continua no mesmo local do ano anterior na ASUEPA. Mas, nesta festa acontece algo, a missa do santo, do Glorioso São Benedito, é pela primeira vez celebrada na igreja e mais ainda na Igreja matriz da cidade de Ananindeua, a igreja de

<sup>83</sup> Esta foi a única festa que não contou com a participação de dona Amélia que segundo sua filha de criação “Toda Bragança comentou comigo que viu a mamãe no programa do Tom Cavalcante, em São Paulo, nem sei o que aconteceu, ela ainda não veio de lá”

Em 2009, a festa de São Benedito de Ananindeua irá retornar para o conjunto Cidade Nova VI. Pois, segundo *Careca* atendendo pedidos dos que participaram da festa e dos que deixaram de participar pela distância.

<sup>84</sup> Esta foi a fala inicial proferida pelo celebrante da missa.



Nossa Senhora das Graças. Entretanto não foi celebrada por um padre e, sim, por um “ministro da Eucaristia”, um leigo, assim, que pronuncia durante a celebração as palavras que servem de epígrafe a esta parte do trabalho. Enfatizando a presença das famílias unidas “em torno da tradição”.E prossegue a missa com as leituras e cânticos conduzidos por Natália,<sup>85</sup> acompanhada por *Careca* de Ananindeua. Na hora do ofertório, *Careca* de Ananindeua<sup>86</sup> incentiva os bragantinos presentes para fazerem as doações para Nossa Senhora das Graças, que “acolheu a festividade”.

Ao final da missa, *Careca* faz um agradecimento aos marujos e marujas, aos juizes da festa e anuncia que, este ano, ele é, além de presidente da festividade, também juiz da festa 2008, e que a festa terá uma novidade: ao invés de um andor, São Benedito ganhou uma berlinda,<sup>87</sup> doada por ele.



**FOTO 12 - (VIEIRA, 2008) Berlinda com o santo e *Careca***

---

<sup>85</sup> Filha de Careca de Bragança.

<sup>86</sup> Ouvei também algumas pessoas chamarem assim, para o João Batista, “Careca do Arsênio” e para o Raimundo do Socorro, “o outro *Careca*”.

<sup>87</sup> Em outra ocasião anterior a decisão de Careca pela troca do andor pela berlinda gerou bastante polêmica entre o grupo. Principalmente por Ribamar, 50 anos que protestou “A nossa tradição é o andor, e também o santo é homem e berlinda é pra santa”.Polêmica que somente fora encerrado com a intervenção de Merca que garantiu “Tu sabe como esse pretinho é quando ele não gosta de alguma coisa ele, não gosta, vocês lembram um ano lá em Bragança que um senhor colocou um manto no santo e a igreja todinha se encheu de borboleta, era tanta que tinha que tira com carrinho de mão... Se São Benedito não se agradar com essa berlinda ele vai fazer alguma coisa, vamos deixar ele decidir!”

Depois disso, ele canta o cântico final, o único da missa a ter homenagem a São Benedito:

- A ti santo portentoso, sempre devemos louvar. Tu és sempre nosso zeloso e constante protetor.

Refrão: **Benedito, de Deus amado, que poder no céu não tens!** (bis)

- Os santos sempre enobrecem, o venturoso lugar onde quis Deus que nascessem para o mundo iluminar.(bis)

Refrão: **Benedito te deu o nome a cidade em que nasceste!** (bis)

-São milagrosos os teus passos, admirável é teu poder, mas ver Jesus em teus braços para o céu surpreender.(bis)

Refrão: **Benedito dá que guardemos a Jesus no coração!**<sup>88</sup>

Todos se retiram da igreja cantando, rumo a sede da ASUEPA, que fica localizada em frente à igreja; ao chegar neste local todos ficam admirados com as gravuras na parede e nos muros. *Careca* havia contratado um pintor para decorar o local com todos os símbolos<sup>89</sup> da festa de São Benedito de Bragança:



<sup>88</sup> A letra do cântico final foi reproduzida na íntegra da folha de cânticos entregue no dia da celebração.

<sup>89</sup> Referente às fotos 1, 4 é importante esclarecer que a primeira se refere a “padroeira de Ananindeua” e a 4 é o único símbolo representado que não é “realizado” em Ananindeua, a “cavalhada”.



**FOTO (s)- 13, 14, 15, 16, 17e 18 (VIEIRA, 2008) Respectivamente se encontra a pintura da imagem de Nossa Senhora das Graças; São Benedito; Cavallhada; instrumentos musicais típicos; Estandartes do santo; Maruja**

Vista admirada, comentada, a surpresa preparada por *Careca*, tem início a distribuição do café da manhã, “doado por uma promessa para São Benedito” e o comentário era que, este ano, todos estavam cansados, pois na noite anterior teriam ido se apresentar no Hangar<sup>90</sup>, em Belém, “trazidos pelo governo do estado” e alguns dos que vieram de Bragança dormiram na casa de *Careca*, na Cidade Nova 6. No entanto outros, incluindo *Careca* de Bragança, haviam retornado para Bragança, chegando lá por volta de duas horas da manhã, e saindo de volta, rumo a Ananindeua logo a seguir, apenas três horas depois. Terminado o café da manhã dá-se início ao leilão, que este ano teve a doação de 3 cachos de pitomba<sup>91</sup>, por uma senhora bragantina que mora em Belém e “descobriu” a festa de Ananindeua, e, assim, resolveu fazer a doação do “principal produto leiloado lá em

<sup>90</sup> Hangar é o novo “Centro de Convenções da Amazônia”, construído pelo governo do estado.

<sup>91</sup> Comparação para mostrar ao leitor a diferença de Bragança

Bragança”. Foram leiloados também: um galo e uma galinha, um casal de patos, uma cestinha de sabonetes, e dois bolos. E, logo de início, todos comentam: “Ah! Se fosse lá em Bragança, quanto ia valer esse cacho de pitomba? Que aqui saiu só por 20 reais!”.

E se prossegue o leilão alertando, o leiloeiro conduzidos pelos “filhos de Arsênio” que estavam presentes, “olha gente quem ajuda São Benedito é ajudado”. E novamente se faz a observação dos valores pagos por um bolo lá em Bragança “que não saia por menos de 100 reais, enquanto que em Ananindeua saiu por 25 “chorado!”; e os outros produtos não ultrapassaram este valor. Muitos desses prêmios foram comprados pelo próprio *Careca* de Ananindeua. Após o leilão, se inicia a preparação para o almoço que deverá alimentar, agora em 2008, segundo *Careca*, 3 mil pessoas, uma quantidade visivelmente superior a dado ano anterior (2.5 mil), pois” o número de participantes todo ano aumenta”. Alguns “ilustres”, por sinal, como se deu com a presença do músico (bragantino), Tony Soares, integrante do conhecido e prestigiado grupo “Arraial do Pavulagem”<sup>92</sup>. O almoço ocorreu da mesma maneira que em todos os anos da festa (como já descrevi anteriormente), acontecendo, depois, a procissão que, igual a do ano de 2007, percorreu o mesmo trajeto.

---

<sup>92</sup> Grupo bastante conhecido no Pará onde a maioria dos músicos são, bragantinos e tocam músicas com letras enfatizando a cultura dos bragantinos, representada pela devoção a São Benedito e a marujada. Em Bragança este grupo possui apresentação especial em um dos dias da festividade de São Benedito, porém, em Ananindeua foi a primeira vez que o músico e vocalista do grupo participa da festa, mas já é convidado por *Careca* para cantar na próxima festa, em Ananindeua.

### **CAPÍTULO III**

#### **CELEBRANDO A “BRAGANTIVIDADE”**

*“Ser bragantino é dançar marujada e ser devoto de São Benedito”<sup>93</sup>“*

Neste terceiro e último capítulo pretendo mostrar como penso que os bragantinos, em Ananindeua, estão a construir sua identidade a partir de, ou tendo em consideração, a festa de São Benedito, entendendo o processo de construção de identidades feito através do ritual. Chega-se assim, ao momento da dissertação que é fundamental e que consiste (com que) na análise da própria etnografia da festa de Ananindeua, momento de expor a interpretação que fiz a respeito dos elementos que são acionados para a construção, que meus interlocutores fazem, daquilo que vem a ser, o que tomo aqui como a “bragantividade”.

#### ***Construção de identidade (s) ou ser bragantino em Ananindeua***

Para Roberto Cardoso de Oliveira, primeiro antropólogo brasileiro a abordar o tema da identidade. Utilizando-o como um conceito sociológico, para ele, a identidade se dá ou se constrói de forma dinâmica e contrastiva. Assim, segundo o autor:

(...) a identidade social surge como a atualização do processo de identificação e envolve a noção de grupo, particularmente a de grupo social. Porém, a identidade social não se descarta da identidade pessoal, pois esta também de algum modo é um reflexo daquela. (1976: 5)

Constroem-se identidades, referências do que se é, havendo escolhas de identidades; não há um padrão de identidades, visto que as categorias identitárias são uma construção em um cotidiano relacional e de contexto. Cardoso de Oliveira utilizou os conceitos de “identidade contrastiva” e “identidade étnica” ao estudar relações sociais entre “índios” e

---

<sup>93</sup> Fala de *Careca*, durante a festa de São Benedito de Ananindeua, em 2007.

“brancos”, porque, segundo o autor, essas relações se davam (ou se dão) em situações de confronto.

Embora a tese de Cardoso de Oliveira esteja se referindo, empiricamente, às sociedades indígenas, isso não significa que ela não possa compreender outras realidades sociais. Como é a dos migrantes bragantinos de Ananindeua, que se utilizam dela, para se definirem como diferentes, em relação aos outros moradores de Ananindeua. Assim, fazem, produzem o contraste, existindo nisso toda uma gramática social.

Manuela Carneiro da Cunha (1985), por sua vez, que retoma em muito, Cardoso de Oliveira afirma que a identidade muda de acordo com a situação, ou seja, ela é situacional, operativa e depende do contexto em que os sujeitos sociais estão inseridos e das contingências históricas, políticas que vivem. Sobre esta colocação da autora situarei uma questão em campo. Quando, durante a festividade do "Círio de Nossa Senhora de Nazaré"<sup>94</sup> em Bragança, *Careca* levava uma faixa com a seguinte saudação: "Os moradores da Cidade Nova saúdam o Círio de Bragança".

Mesmo que a identidade bragantina não possa ser pensada como uma identidade étnica (e não pode, evidentemente), é possível citar, remeter ao que diz Manuela Carneiro da Cunha, em relação aos estudos a respeito de etnicidade, pensando na espécie de construção de identidade que fazem os bragantinos migrantes de Ananindeua:

(...) foi a noção clara de que a identidade é construída de forma situacional e contrastiva, ou seja, que ela constitui resposta política a uma conjuntura, resposta articulada com outras identidades em jogo, com as quais forma um sistema (...) percebeu-se também que, se a identidade repousa numa taxonomia social, resulta de uma classificação, deriva daí que ela é um lugar de enfrentamentos. (1985: 206)

A autora cita Pierre Bourdieu ressaltando, como visto acima, que a identidade repousa numa taxonomia social, resulta de uma classificação, deriva daí que ela é um lugar de enfrentamentos. Diz que há toda uma luta que Bourdieu chama de luta de classificações; luta em que os contendores querem afirmar categorias para destacarem fronteiras, porem em realce ou simplesmente fazerem reconhecer grupos sociais (Bourdieu, 1979).

Ainda a respeito do tema, um autor mais recente, Stuart Hall diz que a identidade “muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado”. Sendo assim,

---

<sup>94</sup> Para maiores informações sobre ver: Tese de Isidoro Alves Promessa é dívida... Valor, tempo e intercambio Ritual em sistemas Tradicionais na Amazônia “, 1993”.

ela estaria constantemente em mudança. É importante relacionar a construção dessa identidade bragantina com o que Hall fala a respeito da construção de identidades. Esse autor chama atenção para o fato das identidades estarem sempre em construção “constantemente” “sendo formadas”; Ele argumenta que ao invés de falarmos de identidades prontas, “acabadas”, deveríamos falar de identificação e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade, que já está dentro de nós como indivíduos, mas, de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros.

Já Silva (1997), que fez o primeiro estudo antropológico de maior fôlego sobre a festa de São Benedito, em Bragança (como já me referi no Cap.1) explica que, fazendo parte desses inúmeros códigos representativos, a identidade como diferença, no ritual, seria a expressão dessa diferença passando a se constituir um campo privilegiado, a fim de se perceber como as pessoas atribuem significados, representam as coisas, reagem aos símbolos e, principalmente, legitimam suas formas de pensar, de ver; tornam inteligíveis as representações que fazem de si mesmos, a base das quais seriam capazes de expressar todo o seu *ethos*. Através dessa representação, seria possível “penetrar” nos valores que são criados e recriados no imaginário dos atores sociais, tanto nos momentos de cotidiano, como nos momentos extraordinários de suas vidas, para ser possível, assim, estabelecer-se a diferença

"A elaboração de uma análise acerca do fenômeno da identidade que tem no ritual o momento auge de sua manifestação e expressão, significa estabelecer um diálogo permanente com algumas questões que perpassam toda a abordagem da teoria antropológica: as noções de indivíduo, cultura e sociedade" (1997:13)

Assim, é importante, para compreender o processo de como a identidade ou as identidades, ou as identificações de um determinado grupo de migrantes estão fortemente representadas(s) por uma festa religiosa entender a questão abaixo:

As identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro; por se ter de estar em contacto, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a poder ou não construir por conta própria o seu mundo de símbolos e, no seu interior aqueles que qualificam e identificam a pessoa, o grupo, a

minoria, a raça, o povo. Identidades são, mais do que isto, não apenas o produto inevitável da oposição por contraste, mas o próprio reconhecimento social da diferença (...). (BRANDÃO, 1985: 123)

Manuela Carneiro da Cunha, que estudou os negros africanos libertos a partir da década de 1830, e que, vindos do Brasil, começaram a se instalar na costa ocidental da África, em particular na chamada “Costa dos Escravos”. Ao retornar para a África e, ao chegar lá, alguns grupos começam a ser identificados e auto-identificar e como brasileiros e para construção destes africanos que retornam para terra de origem, um dos pontos para construção desta identidade será, segundo a autora, a religião católica. A partir dessas, considerações, o que quero enfatizar, com isso, é o que a própria autora defende: que a identidade de brasileiros, na África e de africanos, no Brasil é construída como uma necessidade de distinção, o que vem ao encontro da idéia de que a identidade é situacional e de contexto e, portanto, totalmente dinâmica. Como é o caso dos bragantinos, ao retornarem para Bragança, sempre enfatizarem que moram fora de lá, parecendo que existe maior prestígio nisso. Como na participação no Círio e no leilão, em que Careca era o único marujo, e mesmo assim foi destacado, o que não é comum acontecer pois, segundo Nonato da Silva, os marujos no leilão, participam apenas como ajudantes e não como compradores, como acontece no caso de Careca .

### ***Festa (religiosa) como identidade***

Para os bragantinos, moradores de Ananindeua, a festa do Glorioso São Benedito é interpretada como fundamental para construção da identidade de bragantino. Sobre essa percepção, porém, em outra cidade brasileira, Carlos Rodrigues Brandão, falando a respeito da festa do Divino Espírito Santo, de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, em Pirenópolis (GO), se referia a como os moradores consideram a festa:

“O que o discurso do morador da cidade procura traduzir, quando ele considera-se efetivamente ligado a sua festa, é que ela não possui em si algumas tradições da cidade. A festa é, antes de mais nada, a tradição mais essencial de Pirenópolis, o seu costume ritualizado mais efetivamente



capaz de atribuir a sua cidade a sua própria identidade”(BRANDÃO, 1978:63)

A festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré (ALVES, 1980; 1993), que é considerada pelos moradores de Belém como “a festa dos paraenses” reunindo todos os elementos simbólicos que perpassam pela devoção, a “Virgem de Nazaré” como também, pelo arraial, pelo costume de se vestir roupa nova, pela culinária nativa, pela volta para cidade, durante o ciclo festivo, de pessoas que moram fora dela, pela mídia (e para o interior do estado do Pará, para outros, estados brasileiro ou mesmo para outro país).

Tanto quanto a dos paraenses, a identidade bragantina passa por vários símbolos, entre eles, o santo de devoção de que trato no segundo capítulo, a Marujada e as outras formas de homenagem o santo, a comida recorrente para os devotos do santo, diferentemente de outras festas a ele dedicadas, como já expus, quando falei das festas de São Benedito Campina, do Jurunas, Dona Lulu (em Belém).

E, finalmente, da festa de São Benedito em Bragança que reúne diversos elementos que, para seus seguidores, são considerados únicos, originais e que a festa feita em Ananindeua, possui (possuiria) o objetivo de reproduzir. Abaixo, pretendo mostrar as diferenças dos elementos presentes nas duas festas, em Bragança e em Ananindeua, considerados no quadro abaixo:

**(QUADRO 2) Comparação entre a Festa de Bragança com a de Ananindeua.**

<b>Período</b>	18 a 26 de dezembro	Primeiro domingo de janeiro (apenas um dia)
<b>Marujada</b>	Marujas e marujos, capitoa (cargo e função vitalícios), subcapitoa, capitão, subcapitão	Também dividido da mesma maneira, porém com menos pares (há também a participação de alguns marujos e marujas vindos de Bragança, especialmente para dançar na festa)
<b>Cavallhada</b>	É um dos eventos principais, consiste em uma disputa de cavaleiros e suas “montarias”, que disputam argolinhas nas cores azul e vermelha. Vence quem conseguir alcançar o maior número delas. A disputa lembra o combate entre cristãos	Não existe, devido não disporem de espaço, como em Bragança. Porém, <i>Careca</i> têm planos de organizar um passeio ciclístico onde os competidores se vestirão de azul e vermelho.

	e mouros nas batalhas medievais.	
<b>Esmolação</b>	Consiste em comitivas de “esmoleiros” que percorrem as regiões dos campos, colônias e praias circunvizinhas a Bragança e outros municípios, angariando as “esmolas”, ofertas para a festividade de São Benedito. Cada comitiva leva uma imagem do santo, instrumentos musicais, bandeiras. Quando chegam às casas dos devotos, tocam e cantam ladainhas e canções, algumas em latim (numa versão popular local); cada casa que recebe a comitiva é o pagamento do morador a uma promessa feita á São Benedito, e, por isso, têm a obrigação de hospedar e alimentar os esmoleiros por uma noite.	Consiste em doações feitas pelos promesseiros ao santo, durante a festa ou ao longo do ano na casa de <i>Careca</i> ; são também organizados diversos eventos (os chamados “passeios”) onde é cobrada uma quantia pela participação, a fim de arrecadar fundos para a festa. Fazendo então um movimento contrários fiéis/ devotos é que vão ao Santo. E também a “esmola”, as avessas é “cobrada”.
<b>Missa</b>	Realizada no período da festividade, na Igreja de São Benedito, em Bragança, dedicada especialmente ao santo.	Realizada, ao longo dos anos, em diferentes igrejas (Igreja do Divino Espírito Santo, Paróquia Santa Paula Frassinette, Paróquia Nossa Senhora das Graças), como missa comum e paga. Apenas em 2007 houve uma missa no local do evento.
<b>Leilão</b>	Evento também conhecido como “leilão da pitomba” (frutinha típica da região) são leiloados também: bois, porcos, cabras, galinhas, patos e pavão, outras aves, além de doces, bolos, fumo, roupas, móveis e diversas imagens de São Benedito e o que mais for doado pelo povo.	Leilão de bolos, galinhas, imagens de São Benedito e, em 2008, 3 cachos de pitomba doados por uma senhora bragantina, que ao ter conhecimento da festa de Ananindeua resolveu levar o que para ela, era o “maior símbolo de Bragança tirando São Benedito e a Marujada”
<b>Almoço</b>	Oferecido pelos juizes da festa, servido apenas para as “autoridades” (não-povo) e “marujos e marujas” (povo).	Servido oferecido, pelos juizes, a todas as pessoas presentes, independente de que sejam marujos ou marujas. E também a mesa das “autoridades” especialmente

		composta pelo presidente da festividade.
<b>Procissão</b>	Longo percurso saindo da Igreja de São Benedito, acompanhado por centenas (talvez milhares) de pessoas pelas ruas de Bragança.	Pequeno percurso pelas ruas de Ananindeua, seguido apenas por algumas dezenas de pessoas.

Mesmo sinalizando diferenças (como o quadro aponta) entre as festas dos “bragantinos”, elas são como filigranas diante dos elementos estruturais – se me for possível falar assim – que organizam e que tanto os de Bragança (mesmo), como os de Ananindeua, podem lançar mão (e o fazem) para, como “bragantinos”, onde quer que vão (como os alemães de Seyferth), construir/acionarem uma ou sua identidade.

Entre os quais, o santo, a devoção ao santo e a Marujada, ser “marujo”, pontificam como elementos cruciais dessa construção distintiva, contrastiva do *nós* bragantinos (de Bragança e de Ananindeua) *versus* os *outros*. Neste sentido é que falo aqui em “bragantinidade” agregando a isso, também, outros marcadores sociais/simbólicos que se possa reconhecer, mas os quais, como a “pitomba” parece serem sempre remetidos a ou emcompassados/englobados hierarquicamente por aqueles que “derivam” do santo e sua devoção.

Que marcam, em vez da cor/ raça ou da “naturalidade” (simplesmente ter nascido em Bragança ou ser filho de bragantino), o sentido, o significado atualizado da “bragantinidade”. Mesmo que desconsidere a presença e relevância, nesse processo, de outros marcadores.

Este é, por exemplo, o caso do grupo “Arraial do Pavulagem”, criado e dirigido pelo músico bragantino Toni Soares, no qual a vestimenta dos dançarinos inclui, como item mais destacado, um chapéu de palha com fitas coloridas pendendo das beiradas, ao redor da aba, quase uma espécie de reprodução do o chapéu, porém, estilizado e unissex estendendo, assim, ainda que não reconhecidamente, um signo/símbolo de que estou chamando de “bragantinidade” Que está presente também na letra abaixo, de musica do repertório do “Arraial”:

### **Marujada de São Benedito<sup>95</sup>**

Vou fazer uma canção em louvor ao santo preto  
Canta, povo bragantino: bendito, oh! bendito.  
Quando chegar dezembro  
Qual é o santo que está no andor?  
É são Benedito com Nosso Senhor.

Marujada de são Benedito  
em louvor ao protetor  
vem vestindo azul ou vermelho carmim na festa  
no barracão dança xote, mazurca e chorado  
nos duzentos anos de louvação  
mas fico mesmo encantado  
quando danço retumbão.

Junto com vêm grupo Arraial do Pavulagem é comum outros grupos folclóricos e para-folclóricos que vêm para Belém, apresentarem a Marujada, descolada do aspecto devocional. Como é o caso do “Grupo Frutos do Pará”, organizado por a Iracema Oliveira, com adaptações visíveis trajes das marujas e na forma das danças com coreografia própria. Porém, esta identidade está sendo exposta em um espaço urbano e, sendo assim, terá adaptações pelos migrantes em que, algumas entendo como intencionais, como é o caso da comida e da berlinda. E as adaptações não – intencionais, que são exigidas pelo próprio ambiente onde estão inseridos os agentes envolvidos, neste caso os bragantinos moradores de Ananindeua que realizam a festa em homenagem a São Benedito.

Neste caso, estão, por exemplo, o calendário (fato de a festa ser em um único dia), a cavallhada que não existe. A manipulação da identidade situacional e de contexto,<sup>96</sup> identidade bragantina, que quando se vai para Bragança é a de morador da Cidade Nova, de Belém, de Ananindeua . Enquanto, nesses locais será a de “bragantino”.

Essa identidade é também construída, a partir da trajetória de vida (VELHO, 1994) de *Careca*, e para construção da identidade coletiva serão acionados diversos itens, como o parentesco, a devoção pessoal ao santo, a promessa doméstica que com *Careca* ganha ares públicos e o santo a festa vira de todos os bragantinos e não somente como diz Brandão para Pirenópolis, “santo preto dos brancos pobres” (BRANDÃO, 1978).

A festa e tudo o que dela faz parte, será nesta ocasião que os migrantes terão uma arena favorável midiaticamente, pois, a imprensa está sempre presente na festa. E também, com a

---

<sup>95</sup> Composição: Júnior Soares e Edu Filho (Cd's: "Ao vivo" e "Música do litoral norte")

<sup>96</sup> Ver Manuela Carneiro da Cunha, 1985

festa, a rede de sociabilidade dos migrantes a cada ano aumenta, pois se “descobre a festa” por bragantinos que vêm de Belém, Castanhal, de Bragança e de Ananindeua mesmo e se reencontram. Assim, os moradores de outros bairros como no caso do Jurunas, onde reside Dona Francisca, bragantina, participante da festa de São Benedito daquele bairro e que, o presenciar, durante a festa de 2007, a participação da Marujada de Ananindeua, emociona-se e desabafa “Na festa daqui do Jurunas, só faltava mesmo a marujada, para São Benedito, para ficar completa. Oh, meu Deus! Agora não falta mais nada”.

### ***Elementos para construção da “Bragantinidade”***

Para o povo bragantino, São Benedito configura-se como uma espécie de “totem” , uma vez que existe toda uma construção de identidade a partir deste símbolo, evidente em declarações do tipo: "todo bragantino é devoto de São Benedito". Pois é a partir deste símbolo que se reconhece alguém de origem bragantina, o que é ajudado quando por exemplo, pelo fato de crianças, de ambos os sexos, serem “dadas” ao santo, e conseqüentemente, se tornarão "marujos" e "marujas" (dançarinos da marujada).

Outro “totem” das pessoas que participam da festa de São Benedito este, dos de Ananindeua particularmente, será o time de futebol Paysandu. Durante a Festa de 2006, este ponto também foi lembrado no momento do "leilão dos bolos", que se iniciou com a pergunta: "quem torce pelo Paysandu aí!". A resposta positiva foi geral. Os bolos leiloados tinham todos as cores e os símbolos do time estampados. Em outras oportunidades da pesquisa de campo, percebi a onipresença deste “totem”, que estou referindo, numa “licença” antropológica, como no que se refere às brincadeiras (relações de jocosidade), canto do hino, uso da bandeira, etc.

Numa ocasião, no dia 4 de fevereiro de 2007, foi celebrada a festa de aniversário de dona Maria José, mãe de *Careca*, completando 72 anos de idade. Nesta ocasião ritual ficaram evidente elementos que compõem a construção da identidade do bragantino. A simbologia das cores, vermelha e branca, faz alusão à simbologia da festa do santo; fato é que toda a decoração da festa estava em vermelho e branco, cores atribuídas a São Benedito: balões, copos e pratos descartáveis, cartões impressos com a foto do santo e a oração no verso, toalhas de mesa, bolo da festa, doces, e a imagem do santo no lugar de destaque. Inclusive alguns convidados (quase todos bragantinos) estavam com camisetas

com a imagem de São Benedito. Em alguns momentos e conversas percebe-se uma forma de brincadeiras com o santo, algumas com a questão do santo ser negro, como nas referidas a seguir:

- "Meu ex-marido era bem pretinho mesmo, que parecia São Benedito”.
- "Preto, filho de uma égua (se referindo ao santo) ou tu decide minha vida ou eu jogo todo esse caralho (velas) no mar”.
- "Se esse pretinho (apontando a imagem de São Benedito) não ajeitasse minha vida, em oito meses, eu prometi virar crente”.
- "Essa música (brega) a mamãe nunca rodou atrás da igreja do pretinho (São Benedito), lá em Bragança”. (risos)

A construção de identidade, aqui, é pensada tendo em vista o conceito de cultura<sup>97</sup> sob o ponto de vista dos atores sociais. Portanto a cultura é o contexto e a identidade seria uma interpretação feita, a partir disso, pelos atores sociais pertencentes a um determinado local que no caso empírico visto, dos bragantinos, é Bragança. Onde é elaborada a forma de diferenciação que, neste caso, possui elementos relacionados com a festa de São Benedito, como principal representante simbólico da cultura que terá formas traduzidas e eleitas para essa construção da identidade do povo bragantino. A festa, como um ritual, corresponde ao que Marcel Mauss denominou de um "fato social total". As identidades, por sua vez, sustentam-se nos rituais, como no caso bragantino, da festa do santo. O que desdobrarei nos itens que seguem.

---

<sup>97</sup>Sobre o conceito de cultura, Clifford Geertz propõe que se faça uma hermenêutica do termo tão relevante para Antropologia, criticando a definição de Taylor, "o todo complexo", ou seja, algo padronizado e comprimido, defendendo, assim, um conceito de cultura semiótico, como "sistemas entrelaçados de signos interpretáveis". Então segundo o autor: "O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. E justamente uma expressão que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmação, uma doutrina numa clausura, requer por si mesma uma explicação" (1985, p.15)

### ***Parentes entre si e devotos do santo: dádiva e parentesco***

A partir das observações sobre alguns povos Melanésios e Polinésios, Mauss escreve seu "Ensaio sobre a dádiva", sub-intitulado como "Da dádiva e, em particular, da obrigação de retribuir os presentes". E ele diz: "Na civilização escandinava, e em muitas outras, as trocas e os contratos fazem-se sob a forma de presentes teoricamente voluntários, mas na realidade obrigatoriamente dados e retribuídos". (Mauss, 1974: 41)

O grande diferencial da festa realizada em Ananindeua as outras festas em homenagem ao mesmo santo é segundo os organizadores é a distribuição de comida para "todos" os presentes no dia da festa. No ano de 2006 foram dados 2 mil pratos de comida, em 2007, foram 2,5 mil e em 2008 3 mil, segundo "estatística" feita por *Careca*.

*Careca* diz com orgulho: "Todo mundo que vem come". Porém esta condição de receber e a obrigatoriedade de retribuir serão perceptíveis quando um fato causa tumulto e espanto e comentários de que "até o crente pegou comida", demonstrando a reprovação de quem se encontrava (o crente) fora da lógica de retribuição e de troca. Pode-se citar nesse ponto, o ritual do kula, descrito por Malinowski (1984) em "Os argonautas do pacífico Ocidental" como um ritual de trocas de bens simbólicos, existindo toda um aspecto relacional.

A reciprocidade, obrigatória sob pena de punição privada ou pública seria o "sistema de prestações totais" ou potlach e, estas poderiam ser uma série de coisas como alimentos, objetos etc...

Portanto, o sistema de dádivas, de trocas ou de potlach é estabelecido na relação com o sagrado, com as mesmas condições impostas aos humanos, a retribuição e a troca obrigatórias.

Em primeiro lugar, compreendemo-los perfeitamente, sobretudo nas sociedades onde rituais contratuais e econômicos praticam-se entre homens, mas onde esses homens são encarnações mascaradas, amiúde xamanísticas e possuídas pelo espírito cujo nome trazem: esses na realidade agem apenas enquanto representantes de espíritos, pois nesse caso, essas trocas e esses contratos arrastam em seu turbilhão não apenas os homens e as coisas, mas os seres sagrados que são mais ou menos associados a eles. (MAUSS, 1974:62)

As dádivas que são ofertadas aos deuses possuem vários fins como: afastar os maus espíritos e para proteção.

A festa de São Benedito em Ananindeua foi fundada por Dona Amélia Sulamita Santana, bragantina e “descendente de escravos”. Ela, no entanto, não é mais a presidente da festa, como já falei. Porém, em todas as festas celebradas até hoje, Dona Amélia agradece ao santo com "alguma coisa", fala que este ano (2007) teve até que fazer um “empréstimo no banco” para dar sua contribuição para a festa o que, segundo ela, valeu a pena, pois "recebi e recebo muitas graças do santo"; inclusive quem foi a juíza da festa de 2007, era Keila, sua neta, o que Dona Amélia conta com orgulho e acrescenta "bancada pela avó". A neta estava com um problema nos rins e foi aí que sua avó fez a promessa ao santo, como conta: "Não queria que fosse preciso que cortasse ela (Keila) então, São Benedito fez com que os médicos curassem com um negócio que não precisou cortar"<sup>98</sup>.

Mauss observa que entre os polinésios tinha-se sob obrigação de retribuir sob a pena de punição privada ou pública. Porém não é somente a comida que consiste nas dádivas mais comuns na festa mencionada. Vejamos algumas delas, as mais importantes:

### **(Quadro 3)- Dádivas a São Benedito:**

<b>Flores azuis</b>	Ofertadas para a decoração do andor (2006) A escolha da cor evidencia uma representação de gênero, já que, conforme a interpretação dos devotos, o azul (ver foto 2) está relacionado ao sexo masculino e "o santo é homem". Embora nas festas posteriores são predominantes as cores vermelha e branca.
<b>Dinheiro</b>	No dia da Festa, os devotos depositam "contribuições" no cofre do santo, localizado abaixo do altar onde descansa o andor/berlinda e a imagem após a procissão. No decorrer do ano, como forma de pagamento de alguma promessa, devotos dirigem-se à residência do presidente da festa e dono do santo, <i>Careca</i> , para fazerem doações, tornando a casa um ponto de peregrinação.

---

<sup>98</sup> Dona Amélia está, provavelmente, se referindo ao procedimento médico utilizado na atualidade para esse tipo de cirurgia seria a intervenção a laser e assim não aconteceria o que ela temia, o “corte”, a incisão no local.



<b>Fogos de artifício</b>	Elemento importante na Festa. Os promesseiros doam, individualmente, caixas de rojões ou, reunidos em grupos, compram os "fogos de vista", mais caros, do que os primeiros e de maior efeito pictórico.
<b>Dança (marujada)</b>	Elemento de doação imaterial é dádiva porque a condição de dançarino da marujada está associada a uma forma de oferenda e/ou retribuição ao santo, interpretação esta ressaltada por marujos e marujas nas entrevistas. "Serei maruja até o dia que eu viver para agradecer a casa que consegui construir em Bragança"

Sobre este último item do quadro acima onde se refere a Marujada é importante perceber que neste sentido todos seriam uma espécie de “escravos do santo” como se refere Galvão, 1955. Pois há uma referência no caso interpretando dessa forma a relação com o santo, uma vez que se é dado para o santo e se obedece ao santo, nesse caso a própria pessoa é a dádiva e realiza isso dançando Marujada como nas falas que ouvi:

- “Me deram pra São Benedito quando eu tinha 3 anos de idade”.
- “Eu fui dado pela minha mãe pra São Benedito desde quando eu nasci”
- Eu tenho 81 anos e meu pai me deu pra São Benedito desde os 2 anos “
- “Eu danço Marujada desde quando eu tinha 9 anos, quando minha avó me deu pra São Benedito”.

Os juizes da festa são sempre dois uma mulher e um homem. Ambos homenageados e invejados por todos; ser juiz é fazer um “potlatch”. Neste sentido, como uma forma de estimular a competição, se fala dos juizes do passado: quanto mais rica a festa maior o prestígio dos juizes responsáveis. No ano de 2006, a juíza foi dona Raimunda e o juiz foi seu Astrogildo. Ambos falavam com orgulho sobre o fato de terem conseguido dar 2000 pratos de comida superando com isso os "juízes de anos anteriores". (*Careca* e a comunidade são os que determinam quais serão os futuros juízes. Existindo uma lista de nomes de pessoas candidatas). Apenas ao final de cada festa se sabe quem serão os juízes da próxima e o momento é simbolizado com a entrega do bastão pelos juízes para seus sucessores. A partir de então, estes possuem exatamente o tempo de um ano para conseguirem arrecadar tudo o que puderem para promover a melhor festa que conseguirem.

E isso é encarado como uma “obrigação” para os mesmos com o santo, mas, principalmente perante a comunidade.

A obrigatoriedade está nos pequenos detalhes. Um exemplo é no momento que a juíza da festa, Dona Raimunda, que se encontra sentada ao lado esquerdo do andor do santo, e o juiz Astrogildo sentado ao lado direito. A primeira com um bastão decorado com flores vermelhas e o segundo com outro bastão decorado com flores azuis e no centro fica posicionado a imagem de São Benedito decorado com flores e fitas amarradas a imagem, abaixo uma caixa de madeira escrito "doações". Quem se aproximasse era logo orientado pelos juizes assim: "O pedido a gente faz assim: dá um nó na fita e o dinheiro no cofre".

Durante a festa é comum comentários dos tipos abaixo:

"Se conseguir alcançar minha promessa pago um quarto de boi ano que vem".

"Vou pedir um noivo e vou doar para São Benedito comida para festa dele"

"Pedi um emprego, se o meu pretinho me der, vou doar muita comida para o povo no próximo ano".

No dia do balanço da festa, que ocorreu uma semana depois, é o momento de prestação de contas da festa e também é o início de um novo ciclo em preparação para a festa seguinte, neste caso a festa de 2007. A reunião acontece na casa de *Careca*. Nesta ocasião, onde todos encontram-se reunidos, fica perceptível a obrigação de retribuir ao santo. Onde se determina a “obrigação para festa de 2007” nas palavras de *Careca*. Que se expressa apontando sempre para a imagem do santo que está em uma mesa no centro da sala. *Careca* se encontra munido de um caderno onde registra todas as promessas de doações, dos presentes ao santo e observa: "Olha gente! Meu pretinho é muito bom, mas ele é também traiçoeiro", mostra o caderno e acrescenta: "Vocês estão compreendendo? E aviso mais, amanhã mesmo, tudo isso que tá escrito aqui vai ser registrado em cartório".

Mesma ocasião em que *Careca* faz agradecimento a todos os presentes que colaboraram para a realização da festa de 2006 e se observa que quanto maior é o valor da ajuda, mais essa pessoa é aplaudida e admirada pelos presentes, como também é desafiado aquele que não ajudou suficientemente para honrar seu compromisso com o santo na próxima festa. E *Careca* finaliza dizendo: "se São Benedito achar que cada um aqui merece, todos seremos recompensados".

Parentesco é uma nomenclatura para organizar os comportamentos e papéis que as pessoas desempenham numa determinada estrutura social. No campo das organizações de parentesco, as alianças funcionariam como arranjos temporários no sentido de reprodução do grupo, mobilizando categorias de diversos níveis: religiosos, econômicos etc.

Em "Antropologia Estrutural Dois", Lévi-Strauss propõe a noção de "átomo de parentesco". Para este autor, a base da estrutura do parentesco não reside na família biológica, mas nas alianças que se forjam entre os grupos humanos. Revelando que o "átomo do parentesco" corresponde ao sistema de relações entre marido e mulher, pai e filho, tio materno e sobrinho. Estas estruturas, segundo o autor, permitem compreender e articular as três relações constitutivas do parentesco: consangüinidade, aliança e filiação.

Em Ananindeua, encontramos vários cognatos<sup>99</sup> do presidente da festa. Destaca-se a participação dos filhos de *Careca*: o primogênito, Edson, de 20 anos, e Tatiane, 19 anos.. Podemos ainda destacar a mãe de *Careca*, Maria José, de 72 anos.

Edson é um jovem que trabalha com o pai em um clube na cidade e sua função na referida festa, é de ajudar na organização, incluindo a compra de bebidas. Ele é tido como possível sucessor do pai na organização do festejo. Taty é a responsável pela "tesouraria", o que ficou evidente no dia de "balanço"(2006). Na ocasião, *Careca*, como atual presidente, ao nomear a diretoria, empossou sua filha como tesoureira. A qual *Careca* referiu-se na ocasião:

Aquela pessoa que sempre trabalha com o dinheiro e tudo, eu chego com a Tati, e peço: minha filha deposita esse dinheiro no banco. A gente tem que confiar em alguém, né?

Nessa mesma ocasião, para a organização da missa, *Careca* nomeia a sua mãe, Maria José, "aquela pessoa que é católica, que tem todo carinho especial com a Igreja". Este comentário é comum nas entrevistas do organizador, pois costuma sempre ressaltar o fato de sua mãe ser "muito católica". Ela não mora com o filho. Diz que prefere morar com a Merca, uma filha adotiva, com quem tem mais "amizade". "A Merca é como se fosse uma

---

<sup>99</sup>O parentesco consangüíneo diz respeito aos cognatos, indivíduos relacionados entre si através de um ancestral em comum (Leaf, 1981). Ao estudarmos este tipo de parentesco, levamos em consideração toda rede constituída pelas relações entre pais e filhos, mães e filhos, irmãos e irmãs do pai e da mãe. Ainda que de certo modo o parentesco possa ser considerado uma construção social, pois uma dada sociedade, por exemplo, pode considerar como parentes apenas aqueles do lado paterno, ou somente os do lado materno, os laços de sangue são vistos como fundamentais na organização de qualquer sociedade. Tampouco poderia deixar de ser relevante na constituição de uma festa como a que estamos estudando.

filha pra mim", conta dona Maria José. A parceria entre as duas mulheres inclui a realização de "trabalhos"<sup>100</sup>.

Na Festa de São Benedito de Ananindeua, destaca-se também a participação da esposa<sup>101</sup> de *Careca*, Lindalva de Souza e Souza. O marido orgulha-se de estar casado com uma "legítima bragantina" e de a ter conhecido em Bragança, quando ambos dançavam Marujada. Diante de tal afirmação, fica claro que se trata, portanto, de um "casamento preferencial", encarado por ambos, como "obra do Santo". Inclusive ambos afirmam serem parentes "do mesmo sangue".

A função de Lindalva na festa é de organizadora geral, juntamente com o marido. Ela define a situação recordando que "a união faz a força e a força faz a união". Ela é responsável pelas "coisas do santo". Inclusive mostrou-me um cômodo de sua residência que funciona como a "cozinha" de São Benedito: "aqui as panelas, o fogão, as 'loça' são tudo do pretinho".

Como expressões de alianças podemos citar as estratégias de afirmação da identidade dos bragantinos que moram em Ananindeua e as homenagens prestadas à esposa de um vereador durante o passeio citado anteriormente à praia do Caripi, em Barcarena, quando *Careca* e todos os presentes fizeram questão de agradecer "todo o apoio" do marido dela dispensado à festa passada. Um outro caso refere-se à radialista Iracema Oliveira, que assim como *Careca* afirma-se, "folclorista". "Iracema é para mim uma professora", diz o organizador. Iracema é organizadora de um grupo de parafolclórico que interpreta inclusive a Marujada, sempre apresentado como "atração convidada" na Festa de São Benedito de Ananindeua.

A aliança que parece mais inusitada, no entanto, é a firmada com o antigo padre da Igreja Santa Paula Frassinetti, onde a festa era realizada (em prédio anexo). No entanto, o antigo pároco, padre Oliveira, que foi recentemente afastado do clero da arquidiocese de Belém, mas continua residindo nas proximidades da paróquia e, que também é advogado,

---

<sup>100</sup> As duas fazem "consultas espirituais" em casa, não cobrando para isso, porem, recebendo ajuda de quem as procuram.

<sup>101</sup> Parentesco por afinidade: Seguindo a clássica divisão proposta por Maine, mais aprofundada por Morgan, o sistema de parentesco por afinidade compreende os laços criados pelo casamento e pelas adoções. Os afins ou agnatos são aqueles atestados pelo grupo ligados aos cognatos tal como as esposas (Leaf, 1981).

teria "passado" para seu nome o colégio e a quadra de esporte coberta da igreja, questão que se encontra em litígio "na Justiça".

Nos sete anos que passou como pároco, padre Oliveira sempre foi contra a Festa. Em nenhum destes anos fora celebrar missa no *barracão*, apesar de este pertencer à igreja, para realização da homenagem, afinal, a um santo da Igreja Católica. No entanto, depois do afastamento da ordem sacerdotal, *Careca* diz que o antigo pároco mudou de opinião em relação à Festa e que "o Oliveira" ficou muito seu amigo e, inclusive, prometeu a São Benedito, caso venha a ganhar a "questão na justiça", que fará uma capela para o santo na quadra que, hoje, se chama "Padre Oliveira".

Expressões de parentesco podem ser também formas de "manipulação" usadas com a intenção de obter alguma vantagem sobre o outro, prestígio, afeto etc. Declarações cotidianas entre esses bragantinos de Ananindeua, como as do tipo "ela é como se fosse uma irmã", "fulana é como uma mãe", "ele é mais que um filho" reforçam esta idéia. Segundo Marc Augé (1979), os sistemas de tratamento variam conforme o nível de proximidade tanto geracional como de convivência, sexo etc.

A Festa de São Benedito, em Ananindeua pode ser entendida, de certo modo, como uma rede de parentesco. *Careca* chega a afirmar que todos são responsáveis pela realização da festa e formam "uma grande família". Expressões como tio, tia, "vô" são comuns entre os participantes. Sustentando essa tese, ele fala de uma questão que também é uma forma de identidade do povo bragantino: fora de seu lugar de origem, "um bragantino sempre reconhece outro bragantino". E completa: "A gente se ajuda, fazemos parte de uma mesma família e agora você (Sônia) faz parte desta grande família", disse-me certa vez.

Para Georges Balandier (1982), o estudo do parentesco e da sua projeção no espaço tornou aparente a existência de relações políticas que se fundamentam na utilização do princípio de descendência fora do quadro estreito do parentesco. E, da mesma maneira, acontece nas sociedades onde o parentesco forneceria ao político uma espécie de modelo de uma linhagem. Balandier cita Van Valden, no caso dos Taonga do Malawi, onde segundo esse autor, as relações políticas exprimem-se em termos de parentesco e as manipulações do parentesco são um dos meios da estratégia política.

Sobre a idéia de "manipulação" do parentesco pode-se destacar na pesquisa o caso do genitor de *Careca*. *Careca* afirma tratar-se de seu Arsênio (já falecido), embora sua

mãe, Dona Maria José, negue a versão contada pelo filho, confirmando, sim, que teve um relacionamento com Arsênio, lá em Bragança, porém, diz possuir “absoluta certeza” de que *Careca* é filho de seu falecido esposo Raimundo; tanto é que deu ao menino o mesmo nome de seu marido (o que soube depois se tratar do mesmo nome do (outro) pretenso pai de *Careca*, Raimundo Arsênio). Ela, no entanto, reconhece que, “ele (*Careca*) gostaria muito de ser filho do Arsênio, mas não é”

Mas quem foi Arsênio? Qual seria, invocando o reinado do parentesco, a razão para que seu *Careca* insistia tanto nesta suposta paternidade? São questões cruciais para que se pense a manipulação do parentesco, neste caso em particular. Arsênio, natural de Bragança, foi “procurador” da irmandade de São Benedito naquela cidade, sendo figura proeminente em momentos cruciais da história mais recente da Irmandade de São Benedito de Bragança:

“(...) Raimundo Arsênio Pinheiro da Costa nasceu em Bragança. (...) Na Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança (IGSBB), ganhou o apelido de ‘filho de São Benedito’ (...). Na política, Arsênio militou durante algumas décadas sempre julgando-se um dos representantes públicos da IGSBB e guardião da tradição da Marujada. Exerceu dois mandatos de vereador, de 1971 a 1977 (...). Nosso sujeito, á semelhança dos demais indivíduos, é dotado de uma memória histórica, por isso, é compreensível que se tenha fixado como um dos célebres combatentes do bispo barnabita, transitando nos meios políticos e sociais, deixando marcas e decidindo, como elemento social no controle da cultura sobre a identidade da Marujada, no período em que atuou como procurador e principal dirigente da Marujada.

Talvez nos encontremos na frente de uma personagem - sujeito histórico - que mais tenha marcado o cotidiano do tempo em que as rebeldias contra a autoridade eclesiástica foram levadas a cabo, nessa interface entre catolicismo oficial. Arsênio foi um dos ‘donos de São Benedito’, por inúmeras razões.

Sua forte personalidade, em vários episódios, ainda hoje é lembrada pelos que acompanharam o longo processo judicial que envolveu as duas partes durante quase duas décadas e testemunharam a grande decepção de ver o homem de voz forte e rouca e de porte altivo entregar o patrimônio da sua irmandade aos oficiais de justiça que reintegraram a Diocese de Bragança na posse da igreja em setembro de 1988” (NONATO DA SILVA, 2006:123)

Eleito várias vezes vereador, consta que foi um homem de “muitas posses”, um grande fazendeiro. Silva (op. cit.) relatou sobre Arsênio:

Em diferentes momentos da pesquisa os informantes não escondiam a sua indignação, ainda que de forma sutil, contra a pessoa do procurador, o "seu" Arsênio Pinheiro, que, por mais de trinta anos esteve à frente da Irmandade de São Benedito. As histórias que comumente contavam (muitas vezes pedindo segredo) eram que os ritos, o santo, haviam 'enricado' o procurador, pois este quando jovem, nada possuía. 'Foi este santinho que aplumô o Arsênio' (João filho de camponês). Portanto, a sua vida à frente da Irmandade lhe teria possibilitado um grande reconhecimento na sociedade local, sobretudo na vida política, para a qual por várias vezes elegeram-se vereador da cidade, e 'porta voz' do povo. (SILVA, 1997: 12).

Portanto, o interesse de *Careca* em apresentar-se como filho de Arsênio seria uma “manipulação” no sentido mais antropológico (e não no do senso comum) de invocação de direitos de parentesco para reivindicar uma legitimidade em relação à festa e ao santo e na pretensão à carreira política. *Careca* relatou que deseja se candidatar a vereador de Ananindeua, igual como seu "pai" foi em Bragança. Há ainda, outra semelhança entre "pai" e "filho". Refiro-me ao que *Careca* classifica como "perseguição" dos padres, fator que teria levado Arsênio à depressão, depois que “a igreja tomou a festa da Irmandade” em 1988.

### ***Tudo isso leva à “bragantividade”***

Desde meus primeiros contatos mais detidos com esse grupo migrante que festeja São Benedito, tenho ouvido, aqui e ali, falas que remetem a uma relação forte, algo como uma pertença e uma adesão a seu lugar de origem como, ao mesmo tempo, uma âncora e um espelho. Esse “sentir-se” bragantino, que *Careca* e o “*peçoal lá de Bragança*”- lembrado por mim, agora, no seu sentido positivado - tanto manifesta penso ser análogo ao sentimento de pertencimento de que trata Motta-Maués (1997) quando se refere aos afro-brasileiros:

“Essa idéia da ‘volta às raízes’, o ‘retorno’ de que fala Y. Ferreira, ou a ‘volta’, como dizia Gil, passa, como vimos, por outra, a de sentir-se ligado a essas raízes (nesse sentido, sentir-se africano) por sua vez ancorada num raciocínio encopassador, que junta em si todos os elementos da proposta inicial. Então, é possível voltar (à África), sentir-se

(africano), aderir à negritude (oposta ao branqueamento), tudo isso porque, na verdade, nunca se deixou de sê-lo, de estar lá. Embora, com o corte violento dos laços pela diáspora, até não se soubesse disso. Posto que, na raiz da interpretação, ou na definição da negritude pelos movimentos negros no Brasil, está a consideração da existência de uma especificidade negra dada pelos valores negro- africanos – uma alma negra- cuja matriz é a África- uma essência africana- que se carrega enquanto tal, onde for, sendo sempre possível (para o MN,<sup>102</sup> politicamente preciso) fazer vir à tona essa ligação original”(MOTTA-MAUÉS, 1997: 254-255)

A partir disso, a autora irá discutir a idéia dessa “volta às raízes”, da negritude, ou seja, da “africanidade”, que Motta- Maués(1997) define como referência a uma cultura negra, coisas partilhadas por todos os caminantes da diáspora, dispersos, longe da mãe África. Ao dizer isso, a autora enfatiza que este fenômeno pode encontrar correspondência, por esdrúxulo que possa parecer, segundo ela, um contraponto, com o conceito de “germanidade” (*Deutschtum*), manifestado por alemães e descendentes de alemães, que imigraram no início do século para o sul do Brasil.(Seyferth,1982)

Assim, me utilizo aqui, tanto da definição de Motta-Maués, como de Seyferth, vendo o caso dos migrantes bragantinos que manifestam em suas falas e na própria devoção a São Benedito também, de modo semelhante, este sentimento de pertencimento que é traduzido como “bragantinidade”. Esse conceito é construído, assim, como o de africanidade/germanidade, pelas pessoas, a partir de seus contextos. Como evidência, frases que ouvi em campo, como: “É como se eu estivesse lá em Bragança” ou ainda “todos aqui formamos uma mesma família<sup>103</sup>”, e ainda, “um bragantino reconhece outro bragantino aonde quer que ele esteja”. Entendo que se assemelha à questão da germanidade, onde a autora cita “um alemão permanece sempre alemão (...) em qualquer parte do mundo (...) um alemão permanece sempre alemão, ainda que seu berço se situe na América” (Seyferth, 1982:126)

Essa construção da “bragantinidade” está ancorada em um conjunto de elementos representativos. Entre estes poderia citar aqui a devoção a São Benedito e a dança da Marujada, dois elementos que se complementam na prática.Assim, esta é a imagem, que

---

<sup>102</sup> Movimento negro

<sup>103</sup> Relação também traduzida como na frase do capítulo anterior a analogia da “farofa” significando união, uma unidade.



este grupo pretende passar, exibir para os “outros”, os não-bragantinos, moradores de Ananindeua: de devotos (de São Benedito) e de Marujos (dançadores da Marujada)<sup>104</sup>. E que também é compartilhada pelos bragantinos de fora (os que não organizam a festa). Mas, que participam, cada vez mais, dela, a cada ano. Com o perdão pela comparação, e pela grande diferença da presentificação de sua história, pela proximidade e, assim, pela possibilidade de retorno (a Bragança, mesmo) a qualquer momento, e na festa do santo mais efetivamente, é como se esses bragantinos em Ananindeua, tal como os teuto-brasileiros, para Seyferth e os afro-brasileiros, para Motta-Maués, precisem “carregar” com eles a devoção e a dança como sua “alma” e suas “raízes”.

Afirmo assim, que a devoção á São Benedito feita através da festa ao santo, pelos bragantinos, é única, no sentido de poder ser possível a utilização por esses migrantes. A fim de refazer uma outra festa, como eu tentei mostrar, com uma estrutura pensada para outro contexto. E essa reelaboração seja sempre passível de escolhas, críticas, preferências, permutas. Porém, a identidade de “bragantino” é o que será celebrado sempre; e quando qualquer outra festa em homenagem a São Benedito estiver acontecendo; se houver um bragantino presente; ele se utilizará do modelo de Bragança para emoldurar a devoção ao Glorioso São Benedito, ou simplesmente ao “Pretinho”, este o “São Benedito de Ananindeua”, como vimos eles dizem mesmo “ser bragantino é dançar Marujada e ser devoto de São Benedito”.

---

<sup>104</sup> Reforçando esta auto- identificação entre os bragantinos é que, por exemplo, em outras festas em homenagem ao mesmo santo, eles sempre enfatizam que (aquela festa) “não tem Marujada e a nossa não tem mastro”.

## REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Isidoro. **O Carnaval devoto: Um estudo sobre a festa de Nazaré em Belém.** Petrópolis, Vozes, 1980.

AZZI, Riolando. **O catolicismo popular no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1978.

BALANDIER, Georges. **Parentesco e Poder.** In: Antropologia Política. 1982.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais.** São Paulo. Ática, 1986.

BORDALLO DA SILVA, Armando. **Contribuição ao Estudo do Folclore amazônico na Zona Bragantina.** Funart, 1981

BRANDÃO, Ascânio. **São Benedito: O Santo Preto.** Aparecida do Norte: Santuário, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na Rua.** Campinas: Papirus, 1989..

\_\_\_\_\_. **Identidade e Etnia, Construção da Pessoa e Resistência Cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **O Divino, o Santo e a Senhora.** 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1978

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1964.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto.. **Identidade, Etnia e Estrutura Social.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

----- **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.**

Revista de Antropologia, v. 1, p. 13- 37, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As Formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Antropologia Social**. Lisboa: Perspectivas do Homem. Edições 70, 1972.

\_\_\_\_\_. **Os Nuer: descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. 2ª edição. São Paulo; Editora Perspectiva, 1993

FARO, Andrey, **“É festa das aparelhagens”** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/ Antropologia) Universidade Federal do Pará, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais, Belém

FERRETI, Sérgio. **Religião e cultura popular: Estudo de festas populares e sincretismo religioso**. In: Religião e Cultura Popular.htm/ Texto capturado na Internet em 19/11/2003.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Os reis da Mina: A Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos no Pará do século XVII ao XIX**. Boletim do museu Paraense Emilio Goeldi, Belém, v.9, n.1, p.103-121, 1994.

-----**Escravos e senhores nas Irmandades Religiosas na Amazônia do século XIX**. Amazônia Ipar, Belém.v.5, n.3, p. 28-50, 2001

. GALVÃO, Eduardo. **Vida religiosa do caboclo da Amazônia**. In: Boletim Nacional, Nova Série-Antropologia. Rio de Janeiro, 1953.

\_\_\_\_\_. **Santos e Visagens: Um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas**. 2 ed. Tese de doutorado. São Paulo: Brasiliense-Nacional, 1955

GUIMARÃES, Gerson Alves. **Alma Bragantina: Poemas e Sonetos**. Bragança: Marc Grafite, 1995.

GEERTZ, Clifford, 1926. **Obras e Vidas: O antropólogo como autor**, Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002

-----**O Saber Local**. Petrópolis: Vozes, 1997.

-----**A interpretação das culturas**.Rj: LTC. 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** (Notas sobre a manipulação da Identidade deteriorada). Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro de Janeiro.Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. DP e A: 2000.

LEAF, Murray. **Uma História da Antropologia**. Rio de Janeiro e São Paulo: Zahar e Edusp, 1981.

LEÃO, Lúcia e Gemaque, Pascal.”**Negro Santo**”. Belém. Reportagem Televisiva, TV Cultura-Programa “Cultura documentário”, 1988

KUPER, Adam. **Antropólogos e Antropologia**: Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, F.Alves, 1978.

MAGNANI, J.G.C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade SP**: HUCITEC/UNESP, 2003.

-----**Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole**. In MAGNANI, J. G.C & TORRES, L. L. (orgs). Na Metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp. 200-.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

\_\_\_\_\_. **Um diário no sentido restrito do termo**. Tradução de Celina Falck- Rio de Janeiro: Record, 1997.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: Catolicismo popular e controle eclesiástico**. Belém: CEJUP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias e identidades**. Belém: Cejup, 1999

----- **Origens Históricas da Cidade de Bragança**. In: Separata da Revista de História n. 72. São Paulo, 1967.

MAUSS, Marcel, **Ensaio sobre a dádiva** .In:Sociologia e Antropologia.São Paulo:Edusp, 1974.V.2.

MELO, Leila do Socorro Araújo. **Nas trilhas da ginga: Tradição e fundamento consolidando a prática educativa da capoeira em Belém**. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/ Antropologia) Universidade Federal do Pará, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais, Belém.

MENEZES, Bruno de. **São Benedito da Praia - Folclore do Ver - o – peso**. In: Secretaria do estado da cultura. Obras completas de Bruno de Menezes. Vol. 2. Belém: CEJUP, 1993.

MORAIS Luiz Sabaa Srur. **No Natal tem pastorinha: ritual e sociabilização**. 2007.156f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/ Antropologia) Universidade Federal do Pará, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós - Graduação em Ciências Sociais, Belém.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. **Trabalhadeiras e Camarados: Relações e gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica**. Belém: Centro de Filosofia e Ciências Humanas/ UFPA, 1993.

-----, **Negro sobre Negro: a questão racial no pensamento das elites negras brasileiras**. Tese (Doutorado em Sociologia).IUPERG-Tec. Rio de Janeiro, 1997.

NONATO DA SILVA, Dário Benedito. **Os Donos de São Benedito, Convenções e rebeldias na luta entre o catolicismo tradicional e devocional na cultura de Bragança, século XX**.Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará. 2006

. ODULFO, Frei, OFM. **São Benedito, o preto e seu culto no Brasil**. Revista Eclesiástica Brasileira, 1941

RODRIGUES, Eliene Jacques. **Banidos da cidade, unidos na condição: Cidade Nova; espelho da segregação social em Belém**.UFPA/NAEA, 1998.

RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades entre ribeirinhos em Belém-PA**. Tese (Doutorado em Antropologia) Universidade Federal de Pernambuco, RECIFE, 2006

ROSÁRIO, Ubiratan. **Saga do Caeté: Folclore, História, Etnografia e Jornalismo na Cultura Amazônica da Marujada, Zona Bragantina, Pará**. Belém: CEJUP, 2000. COL. Caeté 2.

SANTA BRÍGIDA, Marcelli de Cássia Monteiro. **Ao som dos tambores soa o chamado: tradição e cultura religiosa de origem africana em Bragança**. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em Ciências da Religião). Belém: UEPA, 2007.

SANCHIS, Pierre. **Arraial, festa de um Povo: as romarias portuguesas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1990.

\_\_\_\_\_. **A Idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade** in. Horizontes Antropológicos. Vol.10. Número:22. Porto Alegre. julho 2004.

SILVA, Dedival Brandão da. **Os tambores da esperança : um estudo sobre a cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito da cidade de Bragança**. Falangola, 1997.

SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

.SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo. Companhia das letras. 1986

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978